

Pontifícia Universidade Católica
PUC-SP
Departamento de Filosofia
Programa de Pós Graduação em Filosofia

Jociel Batista de Carvalho

A relação corpo e alma no pensamento de René Descartes

Mestrado em Filosofia

São Paulo
2020.

Jociel Batista de Carvalho

A relação corpo e alma no pensamento de René Descartes

Mestrado em Filosofia

Dissertação apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia sob a orientação da professora doutora Maria Constança Peres Pissarra.

São Paulo
2020

Banca Examinadora

AGRADECIMENTO A CAPES

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”.

NÚMERO DE PROCESSO: 88887.313986/2019-00

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como se dá a relação corpo e alma no pensamento de René Descartes. Para isso, o método utilizado foi a pesquisa bibliográfica nas principais obras do autor e comentadores. O primeiro capítulo aborda o conceito de corpo e a alma; o segundo, as principais paixões da alma e suas finalidades; e o terceiro, como o corpo se relaciona com a alma.

Corpo para Descartes é tudo aquilo que está relacionado com o calor e o movimento dos membros. Esse calor e movimento dos membros são produzidos pelas funções do próprio corpo. Já a alma é tudo aquilo que está relacionado com o pensamento. A alma é a parte do homem que lhe fornece a possibilidade de pensar e de estar no mundo.

Segundo Descartes, as principais paixões da alma são seis: admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza. Essas paixões devem ser entendidas como modo de conexão entre corpo e alma, ou seja, são sinais da união da alma com o corpo. Para Descartes a alma está unida ao corpo. Porém Descartes não apresenta nenhuma explicação racional detalhada sobre como essa união acontece. Para ele a explicação dessa união é um fato racionalmente inconcebível, inexplicável, a não ser pela vontade de Deus. Desse modo, conclui-se que para Descartes, o homem é um ser dual composto de corpo e alma que se mantêm unidos e se relacionam.

Palavras chaves: Descartes, relação, corpo, alma, paixões, Deus.

ABSTRACT

The present work aims at analysing the relationship between body and soul according to the thoughts of René Descartes. The method used to arrive at these thoughts includes bibliographic research in the main works of the author as well as commentaries. The first chapter deals with the concept of body and soul as the second presents main passions of the soul and its purposes. Lastly, the third chapter elaborates on how the body relates to the soul.

Descartes defines the body as everything that is related to the heat and movement of the limbs. This heat and movement of the limbs is produced by the functions of the body itself. On the other hand, the soul is everything that is related to human thought. Therefore according to Descartes, the soul is that part of man which provides him with the possibility of thinking and being in the world.

According to Descartes, the main passions of the soul are six, namely; admiration, love, hate, desire, joy and sadness. These passions must be understood as a way of connection between body and soul, that is, they are signs of the union of the soul with the body. For Descartes the soul is united to the body. However, Descartes does not offer any detailed rational explanation as to how this union takes place. For him, the explanation of this union is a fact that is rationally inconceivable, inexplicable but is only said to be the will of God. Thus, it can be concluded that for Descartes, man is a dual being for he is composed of body and soul that are united and related.

Key words: Descartes, relationship, body, soul, passions, God

SUMÁRIO

Introdução.....	08
 Primeiro Capítulo.....	 11
1.0 – O Corpo e a Alma na visão cartesiana.....	11
1.1 – Do que é corpo e do que é alma.....	11
1.2 – A função da alma no corpo e suas causas.....	14
1.3 – Das almas que são fortes e das almas que são fracas.....	17
1.4 – Os dois gêneros do pensamento que distinguem a alma do corpo.....	19
1.5 – O pensamento como um bem e como causa de existência para o corpo.....	20
1.6 – Da faculdade do corpo e da faculdade da alma, ideias confusas da união entre alma e corpo e como a alma pode ser mais fácil conhecida que o corpo.....	24
 Segundo Capítulo.....	 31
2.0 – As Paixões da Alma.....	31
2.1 – As paixões da alma, suas causas e seus efeitos no corpo.....	33
2.2 – Definição e explicação das seis paixões primitivas.....	36
2.3 – Das paixões que se relacionam com a alma.....	44
2.4 – As várias subpaixões que são originadas das seis paixões primitivas.....	47
 Terceiro Capítulo.....	 61
3.0 – Relação entre Corpo e Alma.....	61
3.1 – A Prova da Existência de Deus.....	61
3.2 – Prova da existência do corpo e conhecimento dessa existência.....	65
3.3 – Qual a origem da minha existência.....	69
3.4 – Divergências e convergências da concepção de alma em Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino em relação a Descartes.....	76
3.5 – Alma e corpo: unidos ou separados?.....	84
 Conclusão.....	 89
 Referências Bibliográficas.....	 93

INTRODUÇÃO

O tema da relação corpo e alma é bastante complexo em toda história da Filosofia. Desde os filósofos pré-socráticos, passando por todo período antigo, atravessando o período medieval e moderno e chegando à contemporaneidade foram muitos os pensadores que tentaram elaborar uma explicação racional para entender como essa relação acontece. Esse trabalho possui o objetivo de estudar como se dá a relação corpo e alma apoiando-se especificamente no pensamento cartesiano.

Descartes é um autor muito conhecido na área da epistemologia e pouco conhecido quando dele se trata da parte da filosofia que se refere ao problema da relação corpo e alma. O trabalho, apresenta esse outro aspecto de René Descartes a medida que aborda o enfoque e a análise de nosso autor do problema sobre a relação entre corpo e alma.

Entre os séculos XVII a XIX o estudo do problema da relação entre o corpo e a alma foi abordado por muitos autores já considerando algumas ideias da antiguidade. Mas ao mesmo tempo, essas ideias foram modificadas e consequentemente novas ideias surgiram. Descartes representou o primeiro momento desse período, é considerado o fundador do moderno movimento racionalista sendo, portanto, um dos pensadores mais importantes e influentes de toda a História da Filosofia. Através dos seus escritos percebe-se que seu pensamento e suas obras são respeitados por todos os pensadores que o sucederam, principalmente pelo fato de ter sido um filósofo que tentou superar o pensamento filosófico escolástico.

Com Descartes, tem-se uma nova interpretação para os problemas filosóficos referentes a relação do corpo com a alma. Apesar de sofrer influências dos filósofos antigos e medievais, nosso autor rompe com tal pensamento, principalmente com Platão e Aristóteles, e inaugura um novo tempo no âmbito filosófico de sua época no que se refere ao problema da relação corpo e alma.

Desse modo, pode-se afirmar que Descartes inicia uma revolução filosófica em todos os âmbitos dando-lhe uma nova direção e estabelecendo reflexões que contribuem para o surgimento de um novo modo de pensar a relação corpo e alma, o homem, o mundo e a sua existência.

Preocupado em estabelecer a relação corpo e alma, o primeiro capítulo aborda, conceitua e define o que Descartes entende por corpo e alma. Como veremos, segundo nosso autor corpo é entendido como sendo tudo o que é extenso. Corpo está relacionado ao movimento e calor dos membros. Já a alma é entendida como sendo pensamento, é tudo aquilo que fornece a possibilidade de pensar e de estar no mundo. Essas duas substâncias não possuem nada em comum, pois segundo Descartes o que pensa não é extenso e o que é extenso não pensa.

O segundo capítulo aborda as paixões da alma e o efeito dessas paixões no corpo. Têm-se seis paixões primitivas e muitas outras subpaixões que são decorrentes dessas seis primitivas as quais estão descritas e definidas no desenvolvimento da pesquisa. O principal efeito e causa das paixões no corpo pode ser entendida como forma da alma se relacionar com o corpo, sendo que a alma tem como principal finalidade guiar o corpo não permitindo que este se desvincule do seu fim último, que é viver uma vida boa e equilibrada.

O terceiro capítulo aborda especificamente como acontece a relação corpo e alma. Para isso será analisada a prova da existência de Deus que garante a existência do corpo e de todas as coisas bem como as divergências e convergências da concepção de alma em Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino em relação a Descartes. Esse capítulo conclui com o pensamento cartesiano sobre os diferentes modos da alma se relacionar com o corpo: primeiro, essa relação pode ser por vontade de Deus, resultando assim na ligação do humano com o divino. E segundo, a relação corpo e alma também acontece à medida que se entende que a alma se faz mais presente no cérebro especificamente na parte interior onde se localiza a glândula pineal. Assim, para o Descartes, a alma se relaciona com o corpo estando unida a ele, não podendo dizer que ela está em uma parte com exclusão de outras. Como veremos, Descartes afirma a união, porém não explica racionalmente e de modo sistematizado como essa união acontece.

Importante considerar que para Descartes, a alma é perfeita e o corpo é imperfeito. A partir dessa afirmação, ele tentou descobrir qual a relação entre a alma e o corpo e como podia ser possível que o corpo, mesmo imperfeito, contribuísse para que a alma guiasse nossa vida conduzindo-a ao bem.

Para Descartes, o homem como sendo composto de corpo e alma tem possibilidade de alcançar a perfeição, uma vez que a alma sendo perfeita pode levar o corpo à perfeição. Ele já acreditava que o corpo era apenas um executor das intencionalidades da alma e, sendo o executor dessas intencionalidades, ele está subordinado à alma. Desse modo, a alma conduz o corpo para o seu fim último, que é a perfeição, a realização da felicidade e do bem viver.

O presente trabalho proporrá respostas para algumas perguntas como, por exemplo: o que é corpo? O que é alma? Em que parte do corpo a alma exerce a sua função? Qual é a causa dessa função? Existem vários estados da alma, como por exemplo, alma forte e alma fraca? O que distingue a alma do corpo? A alma é um bem ou um mal para o corpo? Quais são as paixões da alma? Como é definida cada paixão? Qual o efeito de cada paixão no corpo? O que é mais fácil de ser conhecido: a alma ou o corpo? Como se dá a relação entre corpo e alma? E muitas outras perguntas que são respondidas no desenvolvimento do trabalho mostrando a preocupação de Descartes em resolver o problema da relação corpo e alma.

É importante lembrar que todas essas perguntas serão abordadas e respondidas de acordo com o pensamento de Descartes, mas não como resposta acabada e pronta, mas de forma a conduzir o leitor a um entendimento da relação corpo e alma segundo a concepção filosófica cartesiana nos conduzindo assim, a uma reflexão sobre nossa própria existência.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1.0 – O CORPO E A ALMA NA VISÃO CARTESIANA

O objetivo desse primeiro capítulo tem como objetivo analisar o corpo e a alma na visão cartesiana respondendo as seguintes questões: o que é corpo? O que é alma? Em que parte do corpo a alma exerce a sua função? Qual é a causa dessa função? Existem vários estados da alma, como por exemplo, alma forte e alma fraca? O que distingue a alma do corpo? A alma é um bem ou um mal para o corpo? O que é mais fácil de ser conhecido: a alma ou o corpo? Esse primeiro capítulo tem como finalidade abordar essas perguntas deixando mais claro os conceitos de corpo e a alma na visão de Descartes.

1.1 – Do que é corpo e do que é alma

O projeto total da filosofia cartesiana é o estudo do homem e “para Descartes, o homem é fundamentalmente união da alma com um corpo”. (GUENANCIA, 1991, p. 62). O que vem a ser alma e corpo? Na obra *As Paixões da Alma*, Descartes define o que é corpo e o que é alma e identifica quando determinada ação foi provocada pelas funções da alma ou pelas funções do corpo. Descartes entende que “toda espécie de pensamento em nós existente pertence à alma”. (DESCARTES, 1987b, p.78) e que “devemos crer que todo calor e todos os movimentos em nós existentes, na medida em que não dependem do pensamento, pertencem apenas ao corpo”. (ibidem).

Tendo como base essa definição de Descartes, observa-se que tudo que está relacionado ao pensamento pertence à alma, e tudo que está relacionado ao calor e ao movimento dos membros pertence ao corpo. A partir daí, sabe-se o que é o corpo e o que é a alma para Descartes. Pode-se concluir que corpo é movimento, é calor,

e alma é pensamento: “(...) a natureza de minha alma é constituída unicamente pelo pensamento”. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 99).

Descartes, numa de suas cartas dirigidas a princesa Elisabeth¹ datada no dia 21 de maio de 1643, também conceitua corpo ligando-o a noção de extensão e movimento e conceitua alma ligando-a ao pensamento. Ele afirma que:

(...) possuímos, em relação ao corpo em particular, apenas a noção da extensão, da qual decorrem as da figura e do movimento; e, quanto a alma somente, temos apenas a do pensamento, em que se acham compreendidas as percepções do entendimento e as inclinações da vontade. Por último, no que se diz respeito ao corpo e a alma juntos, temos apenas a noção de sua união, da qual depende nossa noção do poder da alma para mover o corpo e do poder do corpo para atuar sobre a alma e causar suas sensações e paixões. (AT 664-5. DESCARTES, 1973 d p. 310).

Corpo é todo tipo de objeto material que ocupa determinado espaço podendo ser quantificado ou medido em termos de tamanho, figura e movimento. Matéria é caracterizada pela extensão. E extensão aqui é o atributo principal da substância corporal. O corpo é conhecido pela figura e pelo movimento. Corpo ocupa um lugar em um determinado espaço, é coisa extensa, que pode ser tanto o corpo humano, como os demais objetos. É através do corpo que nós sentimos sensações de sede, calor, fome, etc. Na obra *Meditações Metafísicas* Descartes diz o que entende por corpo especificando mais o seu pensamento e afirmando que o corpo pode ser percebido através de certos sentidos. Vejamos:

(...) por corpo entendo tudo o que pode ser limitado por alguma figura; que pode ser compreendido em qualquer lugar e preencher um espaço de tal sorte que todo outro corpo dele seja excluído; que pode ser sentido ou pelo tato, ou pela visão, ou pela audição, ou pelo olfato; que pode ser movido de muitas maneiras, não por si mesmo, mas por algo de alheio pelo qual seja tocado e do qual receba a impressão. Pois não acreditava de modo algum que se devesse atribuir à natureza corpórea vantagens como ter de si o poder de mover-se, de sentir e de pensar; ao contrário, espantava-me antes ao ver que semelhantes faculdades se encontravam em certos corpos. (AT VII 26. DESCARTES, 1973 b, p. 101)

¹ Nascida no dia 26 de dezembro de 1618. Após ler a obra *Meditações* escreveu várias cartas para Descartes tratando principalmente do problema da relação corpo e alma.

A faculdade específica do corpo se refere ao calor e movimento dos membros e a faculdade específica da alma é entendida como sendo pensamento. O pensamento, que é a alma, pode ser compreendido como sendo tudo aquilo que “[...] está de tal modo em nós que somos imediatamente seus conhecedores”. (DESCARTES, 1973c, p.179). Assim, tudo que está em mim e que é conhecido por mim, isso se torna pensamento, e se torna pensamento não pela faculdade do corpo, mas pela faculdade do entendimento. Essas faculdades do corpo e da alma serão melhor desenvolvidas no subtópico 1.6 desse mesmo capítulo.

Quanto a faculdade do corpo referentes ao calor e movimento dos membros, é importante esclarecer que não é a alma que transmite esse calor e movimento para o corpo. O movimento e o calor que existem no corpo são produzidos pelas funções do próprio corpo. Quando esse calor e esses movimentos dos membros do corpo param de funcionar, então se tem a morte do corpo. Mas segundo Descartes: “a morte nunca sobrevém por culpa da alma, mas somente porque alguma das principais partes do corpo se corrompe” (DESCARTES, 1987b, p.78).

Para Descartes, com a morte da matéria, ou seja, do corpo, tem-se a ruptura da união substancial com a alma. É necessário compreender que a morte do corpo não acontece por iniciativa da alma que deixa o corpo provocando uma destruição mecânica da coesão orgânica. O que acontece é o contrário: a destruição mecânica da coesão é que leva a partida da alma e à ruptura do liame substancial.

Assim, o corpo funcionaria, caso esteja em bom estado, mesmo depois que a alma tivesse se retirado: funcionaria como o corpo de um animal². Mas deve-se entender que enquanto o corpo estiver em bom estado de modo que sua união com a alma seja possível, a alma dele não se separará, pois não há qualquer razão suficiente para que efetivamente ela se separe dele, tendo Deus, criado o corpo humano para que ele seja unido a uma alma. (cf. DESCARTES, 1987b, p.78). Portanto, para Descartes é necessário ter clareza que a morte do corpo não ocorre jamais pela falta da alma.

² Para Descartes o que difere o corpo humano do animal é a existência da alma.

Enquanto a alma é pensamento, é possível conhecê-la inteiramente, mas não completamente. Isso porque há na alma muitas propriedades que ignoro e que vou ignorar sempre. Há muitas propriedades na alma que são incognoscíveis e por isso não estão ao alcance do meu conhecimento. Contudo tenho um conhecimento inteiro de sua essência, que não me oculta mais nada do que ela é:

Ela é pura e simplesmente pensamento. Por isso mesmo sei de antemão que todas as propriedades desconhecidas que ela envolve em si não podem não envolver o pensamento e devem excluir tudo o que é estranho ao pensamento. Não possuo, portanto, um conhecimento completo de minha alma, mas um conhecimento completo de sua natureza como tal. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 101).

Já se sabe a definição de alma e a definição de corpo. Para entender melhor essa definição, vamos investigar se entre alma e corpo existe alguma relação. Considera-se por enquanto não, mas supõe-se que entre ambos possa existir algum tipo de relação. Se houvesse, o único tipo de interação que a alma possuiria com o corpo é a relação com os seus órgãos.

Considera-se aqui que essa relação da alma com os órgãos do corpo só se dá quando os órgãos se mantêm em pleno funcionamento. A partir do momento em que os órgãos se dissolvem, ou seja, quando o corpo morre, a alma não possui mais nenhum tipo de relação com o corpo. A alma não morre³, não perece e não se modifica. Já o corpo perece. Mas enquanto o corpo não perece, a alma possui relação com ele. E para Descartes, existe uma parte do corpo que a alma exerce mais sua função que em outras. Veremos na sequência essa análise de Descartes.

1.2 – A função da alma no corpo e suas causas

³ Em nenhum momento de sua vida Descartes duvidou da verdade da doutrina cristã sobre a imortalidade da alma. Para Descartes a alma é imortal, ou seja, “a alma humana não morre com o corpo” (AT VII 2).

Descartes diz que há uma parte no corpo onde a alma exerce mais a sua função do que em outras. Ele acredita que essa parte seja o cérebro ou o coração. Ao analisar essas opções, Descartes conclui que: “a parte do corpo em que a alma exerce imediatamente suas funções não é de modo algum o coração, nem o cérebro todo, mas somente a mais interior de suas partes”. (DESCARTES, 1987b, p.89).

Assim, para Descartes a alma exerce suas funções em uma parte de nosso cérebro, onde fica situada certa glândula. Essa glândula é minúscula e se encontra em meio a uma substância. Tal glândula possui como tarefa levar as funções da alma para todo o restante do corpo. Por isso, entende-se que a alma pode “(...) determinar alguns movimentos musculares, concedendo efeito ao pensamento ou às decisões da vontade. Nos nervos que saíam do cérebro existiam tubos finos que finalizavam nos músculos.” (D'ABREU, 2003, p. 57).

Ao afirmar que a alma pode determinar movimentos musculares e que ela está mais especificamente em uma determinada parte do corpo, Descartes diz que a alma está unida ao corpo, ou pelo menos unida a uma parte do corpo. E uma das principais causas que faz com que a alma fique unida ao corpo é a paixão⁴. Essa paixão geralmente possui efeitos. Ver-se-á como Descartes a aborda:

O principal efeito de todas as paixões é que incitam e dispõem a sua alma a querer as coisas para as quais elas lhe preparam os corpos; de sorte que o sentimento de medo incita a fugir, o da audácia a querer combater e assim por diante. (DESCARTES, 1987b, p.92).

Percebe-se que há certo domínio da alma sobre o corpo. A alma tem condições, por exemplo, de dar ordens ao corpo, como ao sentir medo, o corpo foge através dos comandos que a alma transmite ao corpo. Pode-se entender melhor essa explicação observando abaixo a citação que fala qual o poder que a alma tem em relação ao corpo.

[...] e toda ação da alma consiste em que, simplesmente por querer alguma coisa, leva a pequena glândula, à qual está estreitamente

⁴ O capítulo 2 trabalhará o tema das paixões da alma. Nele ficará mais claro quais são as paixões da alma e quais os efeitos dessas paixões no corpo.

unida a mover-se de maneira necessária a fim de produzir o efeito que se relaciona com esta vontade. (idem, p.93).

Quando Descartes fala de nossa vontade, ele não quer dizer que nossa vontade tem o poder de comandar todas as funções da alma, as quais comandam o nosso corpo. A nossa vontade só possui esse poder de comando quando ela entra em sintonia com a razão. Ao entrar em sintonia com a razão, a vontade possui o domínio para comandar e até mesmo o domínio de decidir algumas de nossas atitudes. Para ilustrar essa explicação, Descartes utiliza o seguinte exemplo: está-se em uma situação de perigo. Para sair da situação de perigo precisa-se excitar a coragem e suprimir o medo. Para que se possa suprimir o medo e excitar a coragem, não basta somente ter à vontade. É preciso ter vontade mais razão.

A razão tem como finalidade conduzir a pensar de que há sempre mais segurança na defesa do que na fuga, de que a vitória transmite honra e alegria, enquanto a fuga transmite vergonha e pesar. Tratando-se da razão, é preciso saber que há possibilidade de a razão ser acompanhada pela emoção. Essa emoção se produz diretamente no coração e age contra os sentidos. Assim sendo, essa emoção pode impedir a alma de “ouvir um pequeno ruído ou de sentir uma pequena dor, mas não pode impedir-se, do mesmo modo de ouvir o trovão ou de sentir o fogo que queima a mão.” (idem, p.94).

Observa-se que a emoção pode impedir somente pequenas coisas e não grandes. Nesse ponto, pode-se relacionar a nossa emoção com a nossa vontade. Será que nossa vontade não pode controlar parte dessa emoção? Descartes diz que:

O máximo que pode fazer a vontade, enquanto essa emoção está em vigor, é não consentir em seus efeitos e reter muitos dos movimentos aos quais ela dispõe o corpo. Por exemplo, se a cólera faz levantar a mão para bater, a vontade pode comumente retê-la; se o medo incita as pessoas a fugir, a vontade pode detê-las, e assim por diante. (ibidem).

Observa-se assim que a vontade não controla todas as emoções da alma, mas controla parte delas. Para Descartes, a vontade juntamente com a razão tem o poder de dominar certas paixões da alma.

Para dominar as próprias paixões, é preciso antes imaginar as coisas que habitualmente andam associadas às paixões que queremos ter e que são contrárias as que queremos suprimir (...) não podemos modificar o corpo senão modificando nossos pensamentos. (ALQUIÉ, 1969, p. 130).

Na sequência Descartes fala de almas fortes e almas fracas. Veremos o que se pode entender por elas e como podem ser distinguidas.

1.3 – Das almas que são fortes e das almas que são fracas

Para Descartes, a alma pode ser forte ou fraca. As almas fortes são conhecidas quando a vontade pode vencer as suas paixões. Já as almas fracas são conhecidas quando a vontade não pode vencer as suas paixões. No entanto Descartes enfatiza que “mesmo os que têm as almas mais fracas poderiam adquirir um absoluto domínio sobre todas as suas paixões, se se aplicassem a dominá-las e a conduzi-las.” (ALQUIÉ, 1969, p. 131).

Assim, para Descartes, é raro encontrar almas fracas, pois a maioria dos homens rege ao menos parte de suas ações apoiados em seus juízos. E quando esses juízos são seguidos, os homens na maioria das vezes conseguem vencer as paixões que se fazem presentes. O importante para Descartes é não se deixar dominar inteiramente pelo jogo das paixões para fortalecer cada vez mais as almas fortes.

Segundo Lívio Teixeira, para Descartes, as almas fortes “são aquelas que combatem as paixões com as armas próprias, quer dizer, armas que pertencem à parte mais alta do espírito, à vontade e à inteligência”. (TEIXEIRA, 1990, p. 179).

Arma própria aqui é entendida como sendo o conhecimento do bem e do mal através de juízos firmes e determinados.

Importante considerar que Descartes não fala diretamente em paixões que são virtudes (almas fortes) e em paixões que são vícios (almas fracas). Mas percebe-se indiretamente que Descartes faz alguma relação com esses dois tipos de paixão. Para Descartes, “há pouquíssimos homens tão fracos e irresolutos que nada queiram senão o que suas paixões lhes ditam”. (DESCARTES, 1987b, p.96).

Assim, na compreensão de Descartes, esses poucos homens não teriam juízos, pois agiriam de acordo com suas paixões. Se essas paixões fossem virtuosas poder-se-ia dizer que seriam homens virtuosos, mas ao contrário, se essas paixões fossem vícios, esses homens não seriam virtuosos. Descartes considera a virtude como sendo um dos aspectos fundamentais para alcançar a sabedoria, o conhecimento. Lívio Teixeira, na sua obra *Ensaio sobre a moral de Descartes* define virtude como sendo:

[...] um esforço da vontade para bem aplicar na conduta os nossos melhores juízos, mas também como um esforço da vontade no sentido de procurar os melhores juízos possíveis no que diz respeito à conduta. (TEIXEIRA, L. 1990, p.19)

A virtude constitui para Teixeira um bem e tal bem deve ser procurado pelo homem. Tal bem é “a realização máxima do espírito humano”. (ibidem). No tratado sobre as Paixões, Descartes fala que a virtude ajuda a buscar o bem viver e eleva ao nível da generosidade.

Por outro lado, para Descartes, a maior parte dos homens pode regular parte de suas ações, ou seja, não agiriam de acordo com suas paixões, pois teriam juízos determinados. Sendo assim, para Descartes, “as almas são mais fortes ou mais fracas em virtude de poderem seguir mais ou menos esses juízos e resistir às paixões presentes que lhes são contrárias”. (DESCARTES, 1987b, p.96). Os homens que possuem e fazem uso desses juízos determinados são fortes, e por isso podem vencer todas as paixões que são consideradas más.

Pode-se entender aqui, que quando Descartes se refere a vencer todas as paixões, ele está se referindo a vencer as vontades corpóreas. Essas vontades corpóreas não correspondem às vontades da alma, pois para Descartes o corpo é imperfeito e a alma é perfeita. A vontade da alma é diferente da vontade do corpo, como será visto no segundo capítulo. Abordaremos agora os dois gêneros de pensamento que distinguem a alma do corpo.

1.4 – Os dois gêneros do pensamento que distinguem a alma do corpo

Já foi visto no início do capítulo o que Descartes considera como sendo alma e o que Descartes compreende como sendo corpo. A referência geral da alma que a distingue do corpo é o pensamento como já se sabe. Esse pensamento para Descartes “são principalmente de dois gêneros: uns são as ações da alma, outros as suas paixões”. (idem, p.84).

Descartes, quando se refere às ações da alma, ele está especificamente referindo-se as nossas vontades, como se lê abaixo:

Nossas vontades são, novamente de duas espécies; pois umas são ações da alma que terminam na própria alma, como quando queremos amar a Deus ou, em geral, aplicar nosso pensamento a qualquer objeto que não é material; as outras são ações que terminam em nosso corpo, como quando, pelo simples fato de termos vontade de passear, resulta que nossas pernas se mexam e nós caminhemos. (ibidem).

Por outro lado, quando Descartes se refere às paixões da alma, ele está especificamente referindo-se à percepção. Ele afirma o seguinte:

Nossas percepções também são de duas espécies: umas têm a alma como causa, outras o corpo. As que têm a alma como causa são as percepções de nossas vontades e de todas as imaginações ou outros pensamentos que dela dependem [...]. As percepções que tem o corpo como causa [...] não resultam de uma mensagem sensorial e são produzidas pelo curso fortuito dos espíritos. (idem, p. 84-7).

As percepções que possuem a alma como causa podem ser consideradas como atividades da alma. Quais seriam essas percepções para Descartes? Seriam as percepções principalmente de nossas vontades, mas também de outras imaginações e pensamentos que dela dependem, já que não podemos querer alguma coisa sem perceber ao mesmo tempo que estamos querendo.

Com esse sentido, Descartes apresenta na obra *As Paixões da Alma*, as percepções que são relacionadas com o nosso corpo e as que são relacionadas com a nossa alma. As que se relacionam com o nosso corpo estão ligadas as nossas sensações como sede, fome, dor, frio. Já as percepções que são relacionadas com a nossa alma são ligadas aos sentimentos de tranquilidade, felicidade e raiva.

Quando Descartes se refere às paixões da alma, ele se refere a três coisas: percepções, sentimentos e emoções. Percepções para Descartes são “todos os pensamentos que não constituem ações da alma” (idem, p.87). Sentimentos são as paixões que “são recebidas na alma do mesmo modo que os objetos dos sentidos exteriores”. (ibidem). E emoções “porque, de todas as espécies de pensamentos que ela pode ter, não há outros que a agitem e a abalem tão fortemente como essas paixões”. (ibidem).

1.5 – O pensamento como um bem e como causa de existência para o corpo

A alma tem como função o pensamento. Para entendê-lo melhor, Descartes cita o pensamento dos filósofos estoicos⁵. Segundo Descartes, eles tinham o poder, a sabedoria e por isso sabiam controlar os seus pensamentos, possuindo certo domínio e certo controle sobre o que pensar. O domínio do pensamento é considerado um bem, pois se domino o que penso, posso escolher pensar somente naquilo que de fato é considerado um bem para o meu ser.

⁵ Filósofos que pertencem a Escola Estoica cuja doutrina filosófica é fundamentada nas leis da natureza, que surgiu na Grécia no século IV a.C. durante o período denominado helenístico.

Dominando seus pensamentos, os filósofos estoicos eram capazes de se julgarem superiores a quaisquer outros homens. O querer para esses filósofos está no pensamento, age-se de acordo com o que se pensa. Os que fazem uso do pensamento dispõem de tudo o que querem. Descartes diz o seguinte sobre o pensamento dos estoicos:

[...] nada estava em seu poder além dos seus pensamentos, que só isso bastava para impedi-los de sentir qualquer afecção por outras coisas; e dispunham deles tão absolutamente, que tinham neste particular certa razão de se julgarem mais ricos, mais poderosos, mais livres e mais felizes que quaisquer outros homens, que, não tendo esta filosofia, por mais favorecidos que sejam pela natureza e pela fortuna, jamais dispõem assim de tudo quanto querem. (DESCARTES, 1973a, p.51).

Para Descartes, só nossos pensamentos estão inteiramente em nosso poder. Numa carta dirigida à rainha Christine no dia 20 de novembro de 1647 Descartes explica o motivo pelo qual nossos pensamentos estão em nosso poder. Segundo Descartes porque eles dependem somente de nossa vontade. E o homem possui a capacidade de simplesmente dispor de sua vontade.

O homem é um ser pensante. Por pensamento Descartes entende aqui todas as operações da alma incluindo todos os conhecimentos: intelectuais, sensitivos e as vontades. O homem pensa na maior parte das vezes quando está acordado, e desse modo esse pensamento é considerado verdadeiro. Mas também acontece que alguns pensamentos podem ocorrer quando se dorme, ou seja, quando se sonha. Segundo Descartes esses pensamentos que ocorrem quando se dorme não são considerados verdadeiros. O critério de verdade para Descartes é o seguinte:

(...) a verdade ou é a correspondência entre as ideias e a realidade ou não é; e se for correspondência com a realidade, então verdadeiro é aquilo que corresponde à realidade ou não é o verdadeiro. (FORLIN, 2005, p. 233).

Os sonhos que se tem quando se dorme, não corresponde à realidade, portanto não são verdadeiros e por isso não podem e nem devem interferir em nossos pensamentos verdadeiros, isto é, nos pensamentos que se possuem quando

se esta acordado: “[...] os sonhos que imaginamos quando adormecidos não devem, de modo algum, levar-nos a duvidar da verdade dos pensamentos que temos quando acordados”. (DESCARTES, 1973a, p.58).

No início da quarta parte do *Discurso do Método*, Descartes destaca o seu primeiro princípio da Filosofia “eu penso, logo existo” (idem, p.54). Entende-se que esse “eu penso, logo existo”, para Descartes significa um ser pensante e esse ser pensante é tão verdadeiro, é tão firme e certo “que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de abalar” (AT VI 32. DESCARTES, 1973a, p.58).

Esse ser pensante é verdadeiro, pois “se duvido que sou, devo existir, visto que duvido e que, por consequência, penso; devo ser imperfeito, visto que duvido; devo ter a ideia do perfeito, visto que eu concebo o imperfeito; devo saber que o perfeito é irredutível à imperfeição, visto que só posso conhecer um pela negação do outro; devo saber que o perfeito não vem de mim”. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 279).

Para Descartes, o “eu existo como coisa pensante é a primeira verdade indubitável na ordem das razões”. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 139). Esse primeiro princípio da filosofia descoberto por Descartes, se apresenta com tanta clareza e com tanta distinção, que nem o gênio maligno pode nos enganar. O objetivo de Descartes é ver se existe alguma coisa que sobreviva à dúvida. Assim, Descartes conclui que enquanto eu estiver pensando, devo existir. Esse é o princípio primeiro de sua filosofia. E é desse primeiro princípio que surge a segunda verdade: minha natureza é puro pensamento e pura inteligência, excluindo aqui a princípio todo elemento corporal.

Para Descartes não é possível pensar e não existir. Isso para ele se apresenta com total clareza e distinção. Mas o que Descartes entende por clareza e distinção? Em nenhum momento das *Mediações Metafísicas* Descartes define diretamente o que ele quer dizer ou o que ele entende por clareza e distinção. No entanto na terceira meditação Descartes fala das ideias claras e distintas relacionando-as com a verdade.

Estou certo de que sou uma coisa pensante (...). Nesse primeiro conhecimento só se encontra uma clara e distinta percepção daquilo que conheço; a qual, na verdade, não seria suficiente para me assegurar de que é verdadeira se em algum momento pudesse acontecer que uma coisa que eu concebesse tão clara e distintamente se verificasse falsa. E, portanto, parece-me que já posso estabelecer como regra geral que todas as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras. (AT IX-1 27. DESCARTES, 1973 b, p. 107).

Contudo clareza e distinção é a evidência racional, ou seja, é aquilo que a razão não pode duvidar. Para Descartes, percepção clara e distinta é o modo como reconhecemos uma proposição que é verdadeira, isto é, que é certa e indubitável, ou, ainda, que não nos dá a ocasião de julgar o contrário. Uma ideia clara e distinta deve implicar necessariamente o assentimento da razão.

Claro e distinto, então, é aquilo que é manifesto pela luz natural e, portanto, evidente para a razão; ora, o evidente para a razão é aquilo de que a razão não pode duvidar, e a razão não pode duvidar daquilo de que não há nenhuma razão para duvidar, nenhuma razão de dúvida e, por conseguinte, é irrecusável do ponto de vista estritamente racional. (FORLIN, 2005, p. 216).

Assim, o “eu penso, logo existo” é uma ideia clara e distinta e é tomada por Descartes como sendo o primeiro princípio da filosofia. Descoberto esse primeiro princípio, Descartes descobre que ele existe, ele prova para si mesmo que existe, e existe porque pensa. “[...] compreendi por aí que era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar [...]”. (AT VI 31. DESCARTES, 1973a, p.55).

É no pensar que Descartes compreende a sua existência. O pensar, “não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material”. (ibidem). O pensamento como já se sabe, é uma função exclusivamente da alma e não do corpo. Até o momento, a alma é distinta do corpo para Descartes. O corpo não interfere de forma alguma no pensamento da alma.

Descartes considera que:

[...] esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele,

e ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é. (ibidem).

Já o corpo, como se sabe, tem como principal função o calor e o movimento dos membros. Corpo pode ser definido para Descartes, como sendo: “[...] provido de rosto, mãos, braços e toda essa máquina composta de ossos e carne [...]”. (DESCARTES, 1973b, p.101).

Desse modo o pensamento é um bem e é causa de existência para o corpo. Abordaremos na sequência a faculdade do corpo juntamente com a faculdade da alma, as ideias confusas da união do corpo com a alma e como o corpo é mais difícil de ser conhecido do que a alma.

1.6 – Da faculdade do corpo e da faculdade da alma, ideias confusas da união entre alma e corpo e como a alma pode ser mais fácil conhecida que o corpo.

Quanto à faculdade da alma e a faculdade do corpo, Descartes apenas reforça na obra *“Objecções e Respostas”* o que já foi comentado na meditação segunda da obra *Meditações Metafísicas*. O corpo tem como principal faculdade além do calor e dos movimentos dos membros, o andar, o sentir, o ser alimentado, etc. Essas faculdades do corpo não podem ser atribuídas às faculdades da alma, pois, por enquanto, alma e corpo são distintos. Quando Descartes se refere aos sentimentos e ao andar ele está referindo-se especificamente ao corpo.

Quanto à alma Descartes diz que ela tem como principal faculdade o pensamento. “[...] nada atribuo à alma do que lhes diz respeito, exceto, apenas, que é um pensamento.” (DESCARTES, 1973c, p.190).

O corpo para Descartes é uma coisa extensa e a faculdade para qual é alimentado “é inteiramente diferente daquele pelo qual pensamos”. (idem, p.192). Com isso confirma-se que o corpo é alimentado para garantir as faculdades do

corpo, como por exemplo, garantir o movimento dos membros, o calor, o andar, o sentir, etc. O corpo não é de modo algum alimentado para garantir o pensamento.

Até agora, corpo e alma são distintos segundo Descartes. E se são distintos, não pode haver nenhuma ligação entre ambos e se não há ligação, pensamento e corpo não se comunicam, pensamento não se interage com as faculdades do corpo.

Descartes reforça mais uma vez que “toda a essência ou toda a natureza do espírito consiste somente em pensar”. (idem, p.194). Quando Descartes se refere a espírito ele se refere à alma que pensa. Essa alma que pensa, esse espírito, não é extenso. O ser extenso pertence ao corpo e está ligado a comprimento, largura e profundidade. (Cf. AT VIII A 42). Mesmo se o espírito fosse unido ao corpo que é extenso, o espírito não teria a faculdade de ser extenso, pois ser extenso não faz parte da natureza do espírito. Descartes, afirma que mesmo se o espírito fosse concebido pelas várias partes do corpo, tal espírito não teria partes, pois nem tudo aquilo que o espírito concebe deve existir realmente nele.

A união do corpo com a alma se dá numa mistura total, ou seja, a alma está presente em todo corpo, tanto no conjunto como nas partes. O corpo é extenso materialmente e desse modo divisível. A alma é indivisível. Contudo, a alma une-se a toda extensão divisível do corpo, em altura, largura e profundidade. Mesmo o corpo sendo divisível e a alma unida ao corpo, ela não deixa de ser indivisível, pois,

(...) a relação teleológica que ela propaga por toda a parte no corpo não é, ela mesma, nada de extenso nem de corporal e, nem, por consequência, de divisível. Ainda que se estenda tanto ao todo como as partes do corpo, essa relação não pode ser partilhada e nem localizada mais em um lugar do que em outro. Por consequência, concebemos que a alma possa, na natureza composta, ter extensão sem ser extensa. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 653).

Numa carta dirigida à princesa Elisabeth no dia 28 de junho de 1643 (AT III 691-2), Descartes reconhece a dificuldade para se explicar a união corpo e alma: “O que pertence a união entre a alma e o corpo é conhecido apenas obscuramente”. Segundo Descartes essa união não é inexplicável, contudo, é muito difícil de explicar. Para Descartes, a respeito dessa união não se tem ideias claras e distintas.

Com isso, percebe-se que referente a esse ponto Descartes renuncia aquilo que constitui o centro de todo seu método filosófico, que são as noções de clareza e distinção. (Cf. MARQUES, 2000, p. 389).

Lívio Teixeira em sua obra, também diz que “a união substancial da alma e do corpo constitui um plano de ideias confusas, não de ideias acidentalmente confusas, mas essencialmente confusas”. (TEIXEIRA, L. 1990, p.17). E na sequência Teixeira completa reafirmando que “a única ideia clara e distinta que podemos ter a respeito da união da alma e do corpo é que ela constitui exatamente um plano de ideias confusas”. (ibidem). O próprio Descartes na obra *Meditações Metafísicas* se refere a essas ideias confusas da relação corpo e alma:

A natureza me ensina, também, por esses sentimentos de dor, fome, sede, etc., que não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo. Pois, se assim não fosse, quando meu corpo é ferido não sentiria por isso dor alguma, eu que não sou senão uma coisa pensante, e apenas perceberia esse ferimento pelo entendimento, como o piloto percebe pela vista se algo se rompe em seu navio; e quando meu corpo tem necessidade de beber ou de comer, simplesmente perceberia isto mesmo, sem disso ser advertido por sentimentos confusos de fome e de sede. Pois, com efeito, todos esses sentimentos de fome, de sede, de dor, etc., nada são exceto maneiras confusas de pensar que provêm e dependem da união e como que da mistura entre o espírito e o corpo. (DESCARTES, 1972, p. 144).

A união entre corpo e alma, entre substância corpórea e substância pensante pode ser de certo modo compreendida tendo como base o seguinte pensamento de Descartes. As sensações⁶ de dor, sede e fome não advêm somente da mente. Advêm também do próprio corpo. Percebe-se desse modo que a mente está ligada ao corpo. De certo modo há uma distinção entre corpo e alma e também uma união. Acerca dessa ligação não se tem ideias claras e distintas, apenas pensamentos confusos, como o próprio Descartes se refere em sua obra *Meditações Metafísicas*. O certo é que

⁶ Sobre as sensações, para Descartes, não posso negar que em mim elas ocorrem. Não se tem nenhum meio para dizer que elas não existem.

(...) o método cartesiano se destina não só a descobrir a solução dos problemas que tem solução, mas também a descobrir que determinados problemas não tem solução científica. É exatamente o que se dá com a moral. A aplicação do método a metafísica levou a ideia clara e distinta de que o homem é um composto das duas substâncias e que sobre tudo que se relaciona com este composto, que é o principal objeto da moral, não podemos ter senão ideias confusas ou aproximadas. (TEIXEIRA, 1990, p. 112).

Assim, a união do corpo com a alma é um plano em que por sua natureza, não há lugar para as ideias claras e distintas, a não ser aquelas que nos levem a perceber que se trata de um plano de ideias confusas. Para tentar solucionar essas ideias confusas da união entre corpo e alma, Lívio Teixeira, afirma que Descartes faz como que uma divisão para melhor compreender tais ideias confusas. Essa divisão consiste em distinguir o homem em três partes.

Primeiro, a alma separada do corpo. Tal alma não constitui ideias confusas e estudar essa alma seria tarefa para a metafísica. A segunda parte é a parte somente do corpo. Tal corpo também não constitui ideias confusas e tal corpo era estudado juntamente com os outros corpos. A terceira e última parte é o estudo das ideias confusas, isso é, o estudo da união entre corpo e alma. Ao estudar essa parte não se deve esperar alcançar ideias claras. O único objetivo no estudo dessa terceira parte é alcançar uma explicação que de fato argumente a união do corpo com a alma.

Na obra *Meditações Metafísicas*, especificamente na segunda meditação Descartes dá o passo para provar que a alma é mais fácil de ser conhecida que o corpo. Para essa prova Descartes utiliza o exemplo da cera. Segundo ele, a cera se apresenta aos sentidos de vários modos. O primeiro modo pode ser o seguinte:

(...) não perdeu ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do odor das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza, são patentes; é duro, é frio, tocamo-lo e, se nele batermos, produzirá algum som. (AT IX-1 23. DESCARTES, 1973 b, p. 104).

No segundo modo, após a cera ser aproximada do fogo, ela se apresenta aos nossos sentidos totalmente diferentes do primeiro modo. Vejamos:

(...) o que restava de sabor exala-se, o odor se esvai, sua cor se modifica, sua figura se altera, sua grandeza aumenta, ele torna-se líquido, esquentase, mal o podemos tocar e, embora nele batamos, nenhum som produzirá. (Ibidem).

Depois de todas essas modificações e transformações, Descartes afirma que ainda somos capazes de reconhecer que a cera é a mesma. Assim, para Descartes o que permite identificarmos a cera como sendo a mesma é algo que existe tanto no primeiro modo quanto no segundo. E esse algo não é percebido pelos sentidos. Isso prova que só a percepção pelos sentidos não tem a possibilidade de identificar a cera como sendo a mesma com clareza e distinção. Os sentidos nos enganam. Só é possível identificar os vários modos que a cera se apresenta a nós através do entendimento e do pensamento e não dos sentidos. Desse modo, a alma que está relacionada ao pensamento, entendimento, pode ser conhecida, já que ela identifica facilmente, com clareza e distinção a mesma cera que se apresenta aos sentidos de modos diferentes. Para Descartes, a faculdade responsável pelo conhecimento da natureza da cera é a faculdade do pensamento (entendimento).

Lívio Teixeira (1999, p. 46) explica detalhadamente que segundo Descartes o conhecimento do pedaço de cera não é alcançado pelos sentidos porque todos os aspectos sensíveis do pedaço de cera poderão mudar sem que por isso deixemos de considerar que temos diante de nós o pedaço de cera. A concepção que meus sentidos possuem da cera são de qualidades secundárias e por isso me dão noções confusas e incompletas. Somente a partir do entendimento é possível ter uma noção clara em si do pedaço de cera esclarecendo noções confusas que vem dos sentidos e da imaginação. Só através do pensamento é possível conhecer a natureza do pedaço de cera. Assim, o corpo, representado pelos sentidos, não pode identificar a cera com clareza e distinção, pois ela engana os sentidos uma vez que a mesma cera se apresenta de vários modos. Assim, para Descartes, a percepção pelos sentidos não é um conhecimento claro e distinto. A percepção sensível é sempre passível de dúvida. Forlin é categórico: a percepção pelos sentidos seja ela qual for não é clara e distinta.

Nenhuma coisa percebida pelos Sentidos, por quem quer que seja, qualquer que seja a coisa, em qualquer que seja a circunstância,

pode ser dita clara e distinta. É o modo mesmo de percepção, a faculdade da alma denominada de Sentidos, que é incompatível com a percepção clara e distinta. (FORLIN, 2005, p. 213).

Assim, o conhecimento pelo pensamento é claro e distinto, pois é o pensamento que propriamente conhece de modo claro e distinto e não os sentidos ou a imaginação. Daí se prova que a alma é mais fácil de ser conhecida do que o corpo, pois a alma (pensamento) identifica com clareza e distinção as várias maneiras que a cera se apresenta para nós. Já o corpo, representado pelos sentidos, não.

(...) no que concerne a minha existência e a minha essência eu me conheço, ao passo que o corpo (rejeitado para fora do saber e anulado pelo Gênio maligno) permanece, ao mesmo tempo, desconhecido para mim, no que se refere a sua existência e a sua essência. Disto concluo: o corpo é menos fácil de conhecer do que a alma, uma vez que a alma é conhecida, na ordem das razões, antes do corpo. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 139).

É importante considerar que o conhecimento do corpo, portanto, não é, como o conhecimento da alma, unicamente intelectual. Ele só é intelectual quando diz respeito à essência, e apenas nessa perspectiva é excluído o sensível. O sensível, no que concerne a alma, deve ser radicalmente eliminado tanto do conhecimento da essência da alma quanto do conhecimento de sua existência. É nesse ponto que está a superioridade do conhecimento da alma sobre o corpo. O corpo conhece pelos sentidos. A alma conhece pelo pensamento. Os sentidos podem nos enganar. O pensamento nos permite conhecimento claro e distinto.

Assim, Gueroult (1953, 2016, p. 153) conclui seu pensamento afirmando que o conhecimento da alma é necessariamente mais fácil que o conhecimento dos corpos, porque conheço a existência e a essência da alma antes de conhecer as dos corpos, bem como porque a alma condiciona todo o conhecimento verdadeiro possível dos corpos. Só é possível conhecer os corpos com clareza e distinção observando a essência deles. Isso se dá não através dos sentidos, mas através do pensamento que nos permite um conhecimento claro e distinto. Assim, o verdadeiro

conhecimento dos corpos se dá pelo pensamento. Assim a alma que é pensamento é conhecida mais facilmente que os corpos.

Quando Descartes afirma que é mais fácil conhecer a alma do que o corpo, Descartes está se referindo que a alma é a mais fácil das verdades científicas e o primeiro conhecimento na ordem da ciência. Ou seja, Descartes entende que a passagem do senso comum à ciência é a mais difícil das ascensões. (Cf. GUEROULT, (1953), 2016, p. 149).

Neste capítulo foi visto o corpo e a alma na visão de Descartes. Na sequência, o segundo capítulo tem como objetivo analisar as paixões da alma e os principais efeitos dessas paixões no corpo.

SEGUNDO CAPÍTULO

2.0 – AS PAIXÕES DA ALMA

Importante iniciar esse capítulo destacando que Descartes não foi o primeiro a tratar sobre as paixões. Antes já se tinha estabelecido a classificação tradicional das paixões elaborada por Santo Tomás de Aquino que serviu de modelo por cinco séculos. Na concepção tomista, as paixões primitivas são onze: amor, ódio, desejo, aversão, alegria, tristeza, esperança, desespero, temor, audácia e cólera. Descartes rompe com a classificação escolástica das paixões, pois não aceita a enumeração estabelecida por Tomás e sobretudo não aceita a fundamentação⁷ tomista das paixões. Para Descartes, ao contrário de Tomás, as paixões primitivas são seis: admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza. Observa-se que cinco das seis paixões presentes na lista de Descartes, compõe a relação das paixões de Tomás de Aquino. Porém, um fato totalmente novo surge quando Descartes designa admiração como sendo paixão, pois além dela estar ausente na listagem de Tomás, ela também se encontra ausente na listagem de todos que anteriormente escreveram sobre as paixões. Assim, “Descartes é efetivamente o primeiro a introduzir a admiração como uma paixão, com todos os direitos” (D’ARCY, 1996, p. 45).

Para falar das paixões da alma, é necessário, e ao mesmo tempo importante considerar o que Descartes entende por paixão. O tema das paixões passa a ser objeto de estudo para Descartes a partir das trocas epistolares com a princesa Elisabeth que em setembro de 1645 solicitou ao filósofo uma definição de paixões⁸. No mês seguinte, Descartes⁹ respondeu afirmando que paixões são todos os

⁷ A fundamentação cartesiana é diferente da fundamentação tomista em muitos aspectos. Uma dessas diferenças está que na enumeração cartesiana nenhuma paixão deriva da outra. Em Tomás isso não é excluído (RENAULT, 2003, p. 252). Na concepção tomista com relação às onze paixões primitivas, umas geram as outras e há uma ordem no sentido de que algumas precedem necessariamente as outras. Outra diferença principal é que para Tomás o amor é a paixão principal, pois todas as outras derivam dele. Para Descartes a paixão principal é a admiração.

⁸ (...) “Je vous voudrais encore voir définir les passions, pour les bien connaître”. DESCARTES, 1955, p. 87. (Carta a Descartes, 13 de setembro de 1645).

⁹ DESCARTES, 1955, p. 101-102. (Carta a Elisabeth de 06 de outubro de 1645)

pensamentos excitados em nossa alma sem o concurso da vontade, ou seja, sem nenhuma ação que venha dela. Descartes ainda afirma que há três sentidos da palavra paixão. Primeiro, tem-se um sentido geral que diz respeito a todos os conhecimentos; segundo, um sentido mais restrito que faz referência aos pensamentos recebidos na alma em virtude de impressões que estão no cérebro; e terceiro, um sentido ainda mais restrito que faz referência aos pensamentos vindos da agitação dos espíritos¹⁰. Para Descartes, as paixões não são produto de um desregramento da união da alma e do corpo.

Na concepção cartesiana paixão é “percepção da alma causada pelo corpo”, e deste modo, a paixão é compreendida como resultado da interação entre a mente e o corpo. A paixão pode, assim, ser compreendida por que, para Descartes, ela é um modo de pensar que não se origina na própria alma, mas é causado por algo heterogêneo a ela. A paixão é sentida na alma, mas não pode prescindir do corpo para que seja desencadeada. É um modo de pensar passivo, caracterizado, portanto, por receber, sentir uma afecção, tendo no corpo a sua condição.

Paixão deve ser entendida como uma ação, como algo que nos move e conseqüentemente resulta em uma ação. Para entender melhor, pode-se considerar paixão como sendo uma causa. Dessa causa vem o efeito e tal efeito é a ação. Assim, as paixões da alma possuem um importante papel na explicação do composto humano. Elas devem ser entendidas como modo de conexão entre corpo e alma. “As paixões são os sinais da união da alma com o corpo”. (GUENANCIA, 1991, p. 118).

As paixões do homem para Descartes são entendidas como estados de consciência decorrentes da união da alma e do corpo. Importante destacar que o termo “paixões” não possui para Descartes o mesmo significado que se encontra no cristianismo: desregramento de vida conduzindo o homem a cair em pecado. Para uma reta compreensão das paixões da alma em Descartes, deve ser totalmente

¹⁰ O termo agitação de espíritos ou espíritos animais são elementos que Descartes utiliza para referir-se a fisiologia. Desempenham o papel, hoje, atribuído aos impulsos neuro elétricos: veículos de transmissão de informação ao sistema nervoso. (COTTINGHAM, 1995, p. 61). A noção já existia na medicina galênica, passando pela Escolástica. Descartes, ao empregá-la, segue as teorias tradicionais de Galeno e Tomás de Aquino, mas as adaptando à sua teoria mecanicista.

abandonada aquela atitude de temor excessivo inculcado pela moral cristã, para a qual paixão está relacionada especificamente a vício e pecado. Apesar de adepto do catolicismo, paixão para Descartes é diferente de paixão da doutrina católica. No pensamento cartesiano o homem não possui necessidade de se libertar das paixões. Pelo contrário, as paixões são expressões de nossas necessidades naturais. Descartes afirma que as paixões são úteis e necessárias a vida do homem como veremos no subtópico 2.3 desse mesmo capítulo. Enfim, para Descartes o bom uso das paixões enriquece a vida humana.

Para tratar das paixões da alma vamos ter como base nesse capítulo a obra escrita por Descartes *As Paixões da Alma*¹¹ que se tornou a última obra de grande importância escrita pelo nosso autor. É uma obra na qual temos o ápice da busca do conhecimento de tudo o que fosse útil à vida e ainda é um verdadeiro tratado da união da alma com o corpo. Dessa união, relatam-se várias paixões que tem sua origem na alma, mas que se percebe o seu efeito no corpo.

2.1 – As paixões da alma, suas causas e seus efeitos no corpo.

Que a alma possui certas paixões, não se tem dúvida. É preciso, pois justificar qual é a causa dessas paixões. Dizer que a causa das paixões é somente uma agitação de espíritos, não é suficiente. É necessário procurar a fonte das paixões da alma e “examinar suas primeiras causas”. (DESCARTES, 1987b, p. 101).

Ora, uma possível primeira causa das paixões da alma é a própria “ação da alma, que se determina a conceber estes ou aqueles objetos”. (DESCARTES, 1987b, p. 101). Esses objetos devem ser entendidos como objetos que afetam os nossos sentidos. Sabendo que são diferentes objetos que afetam os nossos

¹¹ Obra que trata quase exclusivamente os problemas morais que se referem ao complexo substancial corpo e alma, havendo apenas alusões ao plano moral das paixões da alma que tem por origem a própria alma. O texto nos fornece uma fonte precisa de detalhes sobre a “união substancial” entre corpo e mente que Descartes considerava definidora da condição humana. Enfim, é uma obra que possui importância filosófica considerável, pois fornece a exposição mais completa dos pensamentos de Descartes acerca da relação corpo e alma.

sentidos, então para encontrar todas as paixões da alma, examinaremos todos os objetos possíveis que afetam os nossos sentidos.

Outra possível causa das paixões da alma é o “temperamento do corpo ou pelas impressões que se encontram fortuitamente no cérebro, como acontece quando nos sentimos tristes ou alegres sem que possamos dizer o motivo”. (ibidem). Para Ferdinand Alquié as paixões não são causadas pela alma. Elas são na alma, o que é causado pelo corpo.

Tudo o que se faz ou que acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos uma paixão em relação ao sujeito a quem acontece, e uma ação em relação a quem o provoca. Assim, o que é paixão da alma provém de uma ação do corpo. (ALQUIÉ, 1969, p. 128).

Tendo uma noção de qual é a causa das paixões da alma, precisa-se agora saber qual é o emprego dessas paixões. Veremos em que consiste este emprego:

[...] o emprego de todas as paixões consiste apenas no fato de disporem a alma a querer coisas que a natureza dita serem úteis a nós, e a persistir nessa vontade, assim como a mesma agitação dos espíritos que costuma causá-las dispõe o corpo aos movimentos que servem a execução dessas coisas. (DESCARTES, 1987b, p. 101).

Eis agora a descrição das paixões da alma segundo a ordem em que aparecem. São seis: admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza. Para Descartes todas as outras paixões tiram destas seis a sua origem.

Para Descartes, a primeira e a mais importante de todas as paixões é a admiração. Essa é uma paixão produzida em nós através do nosso primeiro contato com o objeto, ela surge quando se depara com um objeto que seja novo e julga-se esse objeto como sendo algo diferente. Por isso esse objeto possui a capacidade de nos surpreender. E é exatamente quando o objeto nos surpreende que se passa a admirá-lo. Só se admira um determinado objeto quando ele nos afeta. Se o objeto não nos afeta ele passa a ser como qualquer outro, isso significa que já se conhece esse objeto.

Um objeto é considerado tendo paixão, quando ele causa em nós a admiração e é considerado sem paixão, quando não causa em nós a admiração. Quando se admira muito determinado objeto, tem-se por ele certa estima e, quando não se admira, tem-se por ele certo desprezo. Assim, para Descartes, a estima e o desprezo correspondem à intensidade de admiração que determinado objeto nos causa. Toda admiração por um determinado objeto possui uma resposta. De acordo com Descartes (1987b) essa resposta é a estima ou o desprezo.

Descartes aborda a admiração separada das outras cinco paixões fundamentais. Isso porque ela é a única em que não entra a consideração do bem ou do mal. A admiração pode vir antes que tenhamos, sobre o objeto, qualquer noção referente a seus bons ou maus efeitos sobre nós.

Depois da admiração têm-se outras paixões que são consideradas por Descartes como imprescindíveis para uma vida boa e equilibrada. Essas paixões são o amor e o ódio. Ver-se-á com mais detalhe como o amor e o ódio são necessários para se alcançar uma vida boa e equilibrada no subtópico 2.3 especificamente a partir da página 42 nesse mesmo capítulo. Ora, o amor e o ódio estão relacionados com o que é bom e com o que é mau. Pois:

[...] quando uma coisa se nos apresenta como sendo boa em relação a nós, isto é, como nos sendo conveniente, isso nos leva a ter amor por ela, e quando se nos apresenta como má ou nociva, isso nos incita ao ódio. (idem, p. 102).

É tendo noção do bem e do mal que virão todas as outras paixões. A essas paixões se deseja ou se rejeita. O desejo para Descartes gera em nós o amor, seja amor pelos objetos ou amor por pessoas. O desejo é sempre relacionado ao futuro, como por exemplo, desejo de possuir alguma coisa que ainda não se tem. É claro que se deseja coisas que são boas e rejeita coisas que são más. O desejo conforme sua intensidade pode ser acompanhado de esperança ou temor. A esperança está relacionada, quando se tem certa possibilidade de realização do que se deseja. Já o temor está relacionado quando não se tem certa possibilidade de realização do que se deseja. Quando se possui muita esperança, essa esperança é transformada em

confiança e, quando se possui muito temor, esse temor é transformado em desespero.

Duas outras paixões fundamentais da alma são a alegria e a tristeza. Descartes diz que “a consideração do bem presente excita em nós a alegria, a do mal, a tristeza”. (idem, p. 103). Assim, a alegria, proveniente de um sentimento de prazer nos transmite uma sensação agradável, que nada mais é do que o bem que se possui. A alegria nos faz viver bem, com seriedade, e nos conduz ao que é bom. A tristeza por sua vez, pode-se dizer que é o contrário da alegria. A tristeza causa insatisfação, causa dor e incomoda. Para Descartes, a tristeza em nós pode ser entendida como uma falta do bem. Percebe-se claramente que a alegria está perfeitamente ligada com o bem, e que a tristeza está ligada ao mal.

Para Descartes, o bem que é feito por nós mesmos é diferente do bem que se recebe dos outros, assim, como também o mal que é feito por nós mesmos é muito diferente do mal que se recebe dos outros. Veremos como se dá tal diferença:

[...] o bem que foi feito por nós mesmos nos dá uma satisfação interior que é a mais doce de todas as paixões, ao passo que o mal provoca o arrependimento, que é mais amarga de todas as paixões. (idem, p. 104).

Nesse sentido o arrependimento é a consciência por não termos feito uso de modo correto e conveniente de nossa liberdade e generosidade. A partir daqui, já se tem uma visão das paixões da alma e os seus efeitos no corpo. Desde o momento que é unida ao corpo a alma contrai paixões que Descartes chama de primitivas. (Cf. GUENANCIA, 1991, p. 120). Segundo Descartes são seis. Veremos agora a definição e a explicação dessas seis paixões primitivas no pensamento cartesiano.

2.2 – Definição e explicação das seis paixões primitivas

Já se sabe quais são as paixões que Descartes considera como sendo fundamentais para se ter uma vida equilibrada. (admiração, amor, ódio, desejo,

alegria e tristeza). Essas paixões foram introduzidas anteriormente com uma breve explicação de cada uma. A seguir teremos como trabalho defini-las e em seguida mostraremos algumas outras paixões que possam originar dessas seis primitivas. Importante considerar que todas as paixões são definidas levando mais em consideração seus aspectos psicológicos e não fisiológicos. Iniciaremos pela admiração. Descartes a define e também nos mostra como ela é causada:

A admiração é uma súbita surpresa da alma, que leva a considerar com atenção os objetos que lhe parecem raros e extraordinários. Assim, é causada primeiramente pela impressão que se tem no cérebro, que representa o objeto como raro e, por conseguinte, digno de ser muito considerado; em seguida, pelo movimento dos espíritos, que são dispostos por essa impressão a tender com grande força ao lugar do cérebro onde ela se encontra, a fim de fortalecê-la e conservá-la aí. (DESCARTES, 1987b, p. 105).

Ao se admirar um objeto, não se sabe se esse objeto pode causar um bem ou um mal quando ele for possuído. No início da admiração, geralmente não se conhece o objeto. É no decorrer da admiração que se vai construindo o conhecimento através do objeto admirado.

Uma característica importante da admiração é que em nosso corpo não ocorre nenhuma mudança. Isso porque a admiração é uma paixão que atua em uma parte específica do nosso cérebro. Assim, o movimento dos espíritos causados pela admiração afeta diretamente o cérebro e por isso é uma paixão que se liga aos interesses do conhecimento. Há uma determinada força que aumenta ou diminui a intensidade de nossa admiração pelo objeto. Para Descartes, essa “força depende de duas coisas, a saber, da novidade e do fato de o movimento que a causa possuir”. (DESCARTES, 1987b, p. 105).

Como foi visto, a novidade é uma força que aumenta a intensidade da admiração, pois quanto mais novo é o objeto, isto é, quanto menos se conhece um determinado objeto, maior é a chance de se possuir uma grande intensidade de admiração por ele. Mas é importante destacar que quando se possui uma extrema intensidade de admiração, isso já passa a ser um espanto, pois a admiração chegou ao extremo. O espanto é uma paixão que se origina da admiração. E Descartes diz que “o espanto é um excesso de admiração que só pode ser mal”. (DESCARTES,

1987b, p. 106). Em relação a tudo o que se refere ao excesso, já foi visto que é considerado por Descartes como sendo um mal.

De acordo com o pensamento de Descartes, todas as paixões possuem uma utilidade e essa utilidade “consiste apenas em fortalecer e fazer durar na alma pensamentos, os quais é bom que ela conserve”. (ibidem). Assim, fica evidente que sem as paixões, os pensamentos não seriam fortalecidos e nem duradores na alma. Pode-se dizer que Descartes vem reforçar a ideia do que já foi comentado no primeiro capítulo onde ele diz que todo pensamento que existe em nós pertence à alma.

Para Descartes, se as paixões possuem uma utilidade, talvez elas devam possuir também um mal. Se possuírem, Descartes dirá que esse mal “[...] consiste em fortalecer e conservar os pensamentos mais do que o necessário, ou então em fortalecer e conservar outros nos quais não vale a pena deter-se”. (DESCARTES, 1987b, p. 106). Pode-se aqui pensar, como por exemplo, se a paixão for responsável pela conservação de um pensamento maldoso em nós existente. Se a paixão agir desse modo, esse pensamento pode-se transformar em ação e essa ação resultará em uma atitude má e que não é útil para a vida.

Além da utilidade da admiração é importante saber ainda que a admiração “[...] nos leva a apreender e a reter em nossa memória coisas que dantes ignorávamos; pois só se admiramos o que nos parece raro e extraordinário”. (DESCARTES, 1987b, p. 106).

Desse modo, pode-se também dizer, de acordo com o pensamento de Descartes, que a admiração amplia o nosso conhecimento e nos possibilita também a conhecer muito mais sobre o objeto que é admirado. “A admiração é, pois para Descartes, a paixão que assegura nosso interesse pelo conhecimento das coisas”. (TEIXEIRA, 1990, p. 189). Geralmente só se admira objetos raros, e sobre esses se possui pouco conhecimento. Uma vez admirado, busco informações sobre eles, e desse modo, estou aumentando o meu conhecimento sobre o mesmo.

Assim, a admiração está relacionada com o conhecimento, pois se se conhece muitos objetos, tem-se pouca admiração. Se por outro lado se conhece poucos objetos, a possibilidade de se admirar será maior. Descartes confirma isso, através do seguinte pensamento: “não há outro remédio para impedir o admirar excessivo senão adquirir o conhecimento de muitas coisas”. (DESCARTES, 1987b, p. 107).

A admiração como já foi dita é uma das paixões fundamentais para uma vida equilibrada. Depois da admiração têm-se outras paixões que também são imprescindíveis como o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza. Na sequência analisaremos agora as paixões do amor e do ódio. Descartes estabelece uma definição clara de amor e de ódio. Observemos tal definição:

O amor é uma emoção da alma causada pelo movimento dos espíritos que a incitam a unir-se voluntariamente aos objetos que lhe parecem convenientes. E o ódio é uma emoção causada pelos espíritos que incitam a alma a querer estar separada dos objetos que se lhe apresentam como nocivos. (ibidem).

Observa-se na citação acima, que o amor une a alma aos objetos que lhe são convenientes e o ódio separa a alma dos objetos que lhe são nocivos. Aos objetos que nos parecem úteis, unimo-nos a eles. Aos objetos que nos parecem nocivos, fugimos deles. Isso acontece através do amor e do ódio que nos leva a unir ou a fugir dos objetos através dos movimentos dos espíritos que julgamos serem as coisas benéficas ou maléficas.

Para Descartes, os objetos do amor e do ódio, podem ser representados à alma pelos sentidos externos ou pelo senso interno, entendida aqui como sendo a razão. Vejamos tal distinção considerada por Descartes. Os sentidos externos como, por exemplo, a vista “são a causa daquilo que chamamos belo e feio, conforme produz em nós uma sensação agradável ou desagradável”. (TEIXEIRA, 1987, p. 192). Já o senso interno ou o da razão “nos vem ao que chamamos bom ou mau, isto é, aquilo que julgamos poder ser-nos útil ou prejudicar-nos”. (Ibidem). Importante considerar que para Descartes, o que diz respeito ao bom e ao mau é sempre resultado de um juízo que nós fazemos podendo esse juízo ser certo ou errado.

Descartes (1987b, p.108), apresenta duas espécies de amor: o de benevolência e o de concupiscência. O primeiro é aquele que se relaciona com o bem, como por exemplo, quando se quer um bem para o objeto amado. A benevolência é uma paixão que se origina do amor. O segundo é aquele que se relaciona com o mal, como por exemplo, quando se deseja o objeto amado. Nessa distinção, é importante ressaltar que a essência do amor não está presente, o que está presente são os efeitos do amor. A concupiscência aqui é entendida como sendo outra paixão que origina do amor.

Sabe-se que existem muitas espécies de amor tanto como diferentes objetos que se podem amar. Descartes cita o seguinte exemplo para essa afirmação: “[...] a paixão que um [...] avarento tem pelo dinheiro [...] um homem de honra por seu amigo ou por sua amante e um bom pai por seus filhos”. (DESCARTES, 1987b, p.108).

Percebe-se nesse exemplo que a paixão que um avarento possui pelo dinheiro não é a mesma paixão que um homem de honra tem por seu amigo ou por sua amante, que por sua vez também, não é a mesma paixão que um bom pai tem por seus filhos. A paixão que um avarento tem pelo dinheiro corresponde a uma paixão pela posse e não pelo objeto que é o dinheiro. Já a paixão que um homem de honra tem por seu amigo ou por sua amante e a paixão que um bom pai tem por seus filhos, é uma paixão não pela posse, mas sim uma paixão, um amor pelo objeto que é amado, que nesse caso é o amigo, a amante e o filho.

O amor ainda pode se desdobrar em afeição, em amizade e em devoção. De acordo com Descartes (1987b, p.109), a afeição se dá quando se ama a nós próprios mais que um objeto. Quando se ama um objeto tal como se ama a si mesmo, então surge a amizade. Já quando se ama menos que um objeto, então surge a devoção. Assim a afeição só pode se dar nas coisas que são inferiores a nós. A amizade se dá nas coisas que são iguais a nós, e a devoção se dá nas coisas superiores a nós. Descartes fala das coisas pelas quais se pode ter afeição, amizade e devoção.

Pode-se ter afeição por uma flor, por um pássaro, por um cavalo; porém, a não ser que se tenha o espírito muito desregrado, não se pode nutrir amizade senão pelos homens.

[...] no que concerne à devoção, seu principal objeto é, sem dúvida, a soberana Divindade, em relação a qual não podemos deixar de ser devotos quando a conhecemos como se deve; mas podemos também sentir devoção por nosso príncipe, pelo nosso país ou nossa cidade, e mesmo por um homem particular, quando o estimamos mais do que a nós próprios. (DESCARTES, 1987b, p.109).

Como foi visto a afeição, a amizade e a devoção são outras três paixões que derivam do amor.

Até aqui já foram abordadas todas as características do amor. E quais as características do ódio? Segundo Descartes, o ódio não possui tantas ramificações quanto o amor. Possui apenas duas ramificações que são as coisas más e as coisas feias. É exatamente das coisas feias que surge o horror. O horror é uma paixão que nasce do ódio. Para Descartes, essas coisas más e essas coisas feias estão relacionadas com os sentidos, e assim relacionadas, são mais violentas que outras espécies de amor ou ódio, visto que essas estão relacionadas com a razão. Portanto, o que chega a nossa alma pelos sentidos é muito mais forte do que aquilo que chega a nossa alma pela razão.

Examinar-se-á agora a paixão do desejo. Primeiramente ver-se-á como Descartes define desejo: “desejo é uma agitação da alma causada pelos espíritos que a dispõem a querer para o futuro as coisas que se lhe representam como convenientes”. (DESCARTES, 1987b, p.110). Quando a alma possui desejo ela fica agitada, e é essa agitação que faz com que a alma receba as coisas que lhe são convenientes, ou seja, receba o bem e rejeite as coisas que lhe são nocivas, ou seja, o mal.

O desejo está em sintonia com o bem e em aversão ao mal, pois ninguém procura ou deseja o mal, mas todos procuram e desejam o bem. Ora, então o bem é o contrário do mal e o mal é o contrário do bem. Assim, quando se posiciona ou

quando se deseja algo que é contrário ao bem, encontrar-se-á o mal. Se por outro lado, quando se posiciona ou quando se deseja algo que é contrário ao mal, encontrar-se-á o bem. Percebe-se assim, que é o desejo que define se o nosso ser busca o bem ou o mal. Assim, Descartes (1987b, p.110), fala que quando se deseja um bem, e esse desejo é realizado, tem-se como consequência o amor, a alegria e a esperança. Mas quando se deseja um bem e esse bem estiver relacionado ao mal, tem-se como consequência o ódio, a tristeza e o temor.

Têm-se duas espécies de desejos que são os mais consideráveis e os mais fortes. Essas espécies são o agrado e o horror. Agrado e horror não se referem ao bem e ao mal. Agrado e horror são apenas emoções da alma. Para Descartes o horror “representa a alma uma morte súbita e inopinada” (idem, p.111) e o agrado “representa o gozo do que agrada como o maior de todos os bens pertencentes ao homem”. (DESCARTES, 1987b, p.111).

Por fim, o desejo na visão de Descartes é um olhar futuro do amor. É importante ficar claro que só se deseja aquilo que se conhece e a maior parte das vezes esse conhecimento é fruto da admiração. Assim, quando se conhece, geralmente fica-se desejando o que foi conhecido. Ao desejar o que foi conhecido esse desejo gera o amor, seja amor pelos sujeitos ou pelos objetos. O desejo é a espera confiante de algo. Essa espera é a espera que o amor seja sempre o nosso bem maior. Porém, essa espera deve ser constante e ativa. O desejo na sua completude e na sua perfeição é resultado do amor e da admiração.

Na sequência veremos outra paixão da alma que é alegria. Descartes lhe dá a seguinte definição: “A alegria é uma agradável emoção da alma, na qual consiste no gozo que ela frui do bem que as impressões do cérebro lhe representam como seu”. (DESCARTES, 1987b, p.112). Desse modo, a alegria está relacionada ao bem, ela é o gozo do bem. A alegria é causada em nós através de uma emoção agradável, é resultado do bem que se acredita possuir, ou melhor, a causa da alegria é o bem. A alegria pode estar apenas no corpo e não estar na alma. Quando ela está apenas no corpo, ela está relacionada com o prazer dos sentidos. E quando a alegria está na alma e não está no corpo, esta concede a alma pensamentos tranquilos e alegres. A alegria também pode ser estimulada por coisas difíceis e até por males. Ao que se

refere a isso, Descartes diz que “o prazer que sentem muitas vezes as pessoas jovens em empreender coisas difíceis e em expor-se a grandes perigos [...] é a causa de que obtenham prazer disso”. (DESCARTES, 1987b, p.114). A alegria é sempre boa, porque é na alegria que está o bem que lhe pertence. Este bem nos leva ao verdadeiro conhecimento, nos leva ao que é bom e nos conduz a uma vida direcionada para o bem e para a virtude.

Depois da alegria, examinar-se-á agora a última paixão da alma que também é considerada por Descartes como sendo fundamental para uma vida equilibrada. Tal paixão é a tristeza. Veremos como tal paixão pode ser definida:

A tristeza é um langor desagradável no qual consiste a incomodidade que a alma recebe do mal, ou do efeito que as impressões do cérebro lhe representam como lhe pertencendo. E há também uma tristeza intelectual que não é a paixão, mas que quase nunca deixa de acompanhá-la. (DESCARTES, 1987b, p.112).

Dada à definição de tristeza cabe a pergunta: com que ela está relacionada? Ora, tristeza relaciona-se com o mal, então a causa da tristeza é também o mal, mas não somente o mal, pois o mal causa dor e toda dor, como se sabe, causa tristeza. Diz-se então que o mal e a dor são as principais causas da tristeza.

A alma algumas vezes modifica o nosso corpo alterando o nosso modo de ser para outro. Por exemplo, a alma quando está triste e não quer se mostrar triste, ela muda o nosso corpo para que ele não expresse tristeza. Do mesmo modo quando ela está alegre, ela pode mudar o modo de ser do nosso corpo para que ele não expresse alegria. Segundo Descartes, a parte do corpo que a alma mais utiliza para essa função é o rosto e os olhos, pois o rosto e os olhos são as partes mais visíveis do nosso corpo.

A alma pode mudar o modo de ser do nosso corpo porque ela está ligada ao nosso corpo. “[...] há tal ligação entre a nossa alma e nosso corpo que, nenhum dos dois torna a apresentar-se a nós sem que o outro também esteja presente”. (idem, p.125)

Voltando a falar de tristeza, pode-se dizer que tristeza é uma espécie de incomodidade que a alma possui proveniente do mal, ou seja, uma fraqueza desagradável. A tristeza é a não aceitação do mal, pois o mal incomoda e uma vez que incomoda, nos entristece. Assim, para Descartes, a tristeza é uma paixão que causa insatisfação e dor, enfim é melancolia e saudade do bem.

Foi visto até aqui a definição e a explicação das seis paixões primitivas. Veremos na continuidade, as paixões que se relacionam diretamente com a alma, bem como suas utilidades.

2.3 – Das paixões que se relacionam com a alma e suas utilidades

Depois que cada paixão foi definida, mostraremos que algumas possuem maior relacionamento com a alma do que outras. Mas antes, pode-se perguntar: para que as paixões são úteis? Segundo Lívio Teixeira (1990, p. 153), as paixões são úteis para que o homem possa ter certo equilíbrio. Porém, esse equilíbrio pode ser entendido como sendo o bem estar do corpo. A utilidade das paixões deve ser compreendida do ponto de vista do bem estar do corpo e do interesse da alma. Sobre o bem estar do corpo,

(...) a utilidade das paixões consiste em incitar a alma a consentir nas ações que podem servir para conservá-lo e mesmo aperfeiçoá-lo, e não só em consentir, mas também em contribuir para a sua realização. (...). No que diz respeito aos interesses da alma (...) dependerá de que o conhecimento seja verdadeiro, isto é, de que aquilo que pensamos como bem seja realmente bem e o que pensamos como mal seja realmente mal. (TEIXEIRA, 1990, p. 202-3).

Diante desse pensamento, a questão do conhecimento que a alma deve ter dos interesses do corpo é central. Como se dá esse conhecimento? Pelas formas de sentirmos o bem estar ou o mal estar do corpo que estão relacionados com o prazer ou a dor. É através desse prazer ou dessa dor que a alma é advertida imediatamente das coisas que causam mal ou bem ao corpo. Assim, quando a alma recebe um aviso do corpo, nossa consciência é acionada e de um lado aparecerá a

tristeza gerando ódio ao objeto que causou mal; ou, de outro lado aparecerá a alegria gerando amor ao objeto que causou o bem.

Para Descartes não é fácil distinguir, de início, se os objetos que produzem as paixões em nós são úteis ou prejudiciais a nós. Geralmente essa distinção se dá através do prazer (alegria) e da dor (tristeza) que nos advertem e aqui entra a utilidade dessas paixões. Assim, o prazer e a dor ou a alegria e a tristeza são formas de advertência que a alma recebe do corpo para que essa possa conhecer os interesses do corpo. Descartes aqui mais uma vez serve-se da experiência e da razão para que o conhecimento do bem e do mal referente ao corpo seja possível. Assim, as paixões na medida em que se relacionam com a alma, estão contribuindo para que o corpo se torne mais perfeito. As paixões que contribuem para tal função são primeiramente a alegria e a tristeza, pois “a alma não é imediatamente advertida das coisas que prejudicam o corpo senão pelo sentimento que tem dor”. (idem, p.125-6).

A alegria e a tristeza provocam efeitos no corpo. A alegria é uma espécie de prazer físico que faz com que o nosso sentimento de alegria seja relacionado à alma. Na alma, esse sentimento de alegria é transformado em amor pelo objeto que está causando a alegria em nosso corpo. Esse amor, com mais intensidade é transformado em desejo de possuir o objeto que causa a alegria em nosso corpo, pois se eu possuo, eu sempre vou possuir a alegria, pois adquiri o objeto que é a causa da minha alegria. Já a tristeza, é uma espécie de dor, que faz com que essa dor relacione a alma gerando a paixão da tristeza na alma. Essa tristeza na alma é transformada em ódio. Ódio que se tem pelo objeto que está causando a dor em nosso corpo. Para Descartes, esse ódio com mais intensidade é transformado em desejo de se livrar do objeto que está provocando a dor no corpo, pois se eu me livro desse objeto, eu não vou possuir mais dor, pois eu me livrei do objeto que era a causa da dor.

Percebe-se em toda essa argumentação que é a partir da alegria e da tristeza que todas as outras paixões relacionam-se com a alma. É da alegria e da tristeza que procedem todas as outras, que são: o amor, o ódio e o desejo. Para Descartes, essas paixões são necessárias e úteis, sendo que a tristeza e o ódio são mais

necessários do que a alegria e o amor, pois é a tristeza e o ódio que fazem que se rejeite tudo aquilo que torna o nosso corpo imperfeito. A alegria e o amor podem ser superiores à tristeza e ao ódio. Mas como isso se dá? Segundo Descartes (1987b), dá-se na medida em que a alegria e o amor passam a possuir a sabedoria de que as coisas que nos causam alegria e amor, são verdadeiramente boas; e as coisas que nos causam tristeza e ódio, são verdadeiramente más.

Observa-se que as primeiras paixões a se relacionarem com a alma é a alegria e a tristeza. É a partir dessas paixões que todas as outras iniciam e mantêm um relacionamento com a alma. A alegria e a tristeza é o caminho, é a porta para as demais paixões. Acima, já foi comentado como a alegria e a tristeza se relacionam com a alma, e como elas são o ponto de partida para que as demais paixões possam se relacionar. Falar-se-á agora das demais paixões que dependem da alegria e da tristeza para relacionar-se com a alma, que são o ódio, o desejo e o amor.

O ódio, no relacionamento com a alma sempre a prejudica e é sempre acompanhado pela tristeza. Essa tristeza em relação à alma não pode deixar de ser má, pois é a tristeza que causa a incomodidade na alma, impedindo-a de lutar contra o ódio. Portanto, em relação à tristeza e ao ódio, a alma tem como principal função ser forte para lutar, combater e rejeitar as imperfeições que são causadas por essas paixões. Lutando, combatendo e rejeitando essas imperfeições, a alma elimina o ódio e a tristeza.

Quanto ao desejo, diz-se que ele é bom quando é acompanhado de um conhecimento verdadeiro, mas quando é acompanhado de um conhecimento que não seja verdadeiro, consequentemente não pode deixar de ser mau. Descartes (1987b, p.129-30) afirma que existem coisas que causam desejo, mas essas coisas não dependem de nós. Mas também existem coisas que causam desejos e essas coisas dependem de nós. Quanto às coisas que não dependem de nós, Descartes diz que “por boas que possam ser, jamais devemos desejá-las com paixão” (idem, p.129), pois se desejarmos as coisas que não dependem de nós, estamos ocupando nosso pensamento, impedindo-nos de nos dedicar às coisas que dependem de nós. Outro argumento para não ter paixão para com as coisas que não dependem de

nós, é que elas geralmente não são possíveis. Não são possíveis justamente por não dependerem de nós. Quanto às coisas que dependem de nós, estas devem ser desejadas com paixão, porque são boas, e sendo boas causam o bem. Essas coisas que dependem de nós proporcionam completa satisfação.

O amor considerado em si mesmo é bom. Mas para ele ser bom totalmente, ele deve possuir um fundamento que nos leva a amar as coisas boas que trarão perfeição para o nosso ser. O amor mal fundamentado leva às coisas que podem prejudicar, ou às coisas que não mereçam a nossa consideração.

Dessas paixões que se relacionam com a alma (admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza), surgem às várias subpaixões que são originadas das seis paixões primitivas. Na sequência veremos tais subpaixões.

2.4 – As várias subpaixões que são originadas das seis paixões primitivas.

Das seis paixões primitivas (admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza) se originam as subpaixões. Entre essas pode-se destacar a estima e o desejo, a generosidade, a humildade, o orgulho, a veneração, o desdém, a esperança e o temor, a segurança e o desespero, o ciúme, a irresolução, a coragem e a ousadia, a emulação, a covardia e o medo, o remorso, a zombaria, a troça, a inveja, a compaixão, a satisfação, o arrependimento, o favor, o reconhecimento, a ingratidão, a indignação, a cólera, a glória, a vergonha, a imprudência, o fastio, o pesar, e por último, o júbilo.

Todas essas são paixões particulares, ou seja, espécies das seis primitivas ou combinações ou derivações delas. Como são apresentadas? Lívio Teixeira (1990, p. 210) mostra que as diversas paixões particulares são apresentadas por Descartes como formas da admiração, do amor e do ódio, do desejo, ou da alegria e da tristeza; ou como combinação delas. Contudo essas paixões particulares têm importância para Descartes tanto quanto as primitivas (admiração, amor, ódio,

desejo, alegria e tristeza). Na continuidade teremos como trabalho entender essas subpaixões, definindo-as e analisando seus principais efeitos no corpo.

Iniciemos pela estima e pelo desprezo. Para Descartes estima “é uma inclinação da alma para representar a si o valor da coisa estimada”. (idem, p.135), e desprezo “é uma inclinação da alma para considerar a baixeza ou a pequenez daquilo que despreza”. (ibidem). É evidente que a pequenez ou a grandeza de qualquer objeto estimado se dá por se ter maior ou menor interesse por ele.

Em alguns casos, a causa da estima que existe em nós se dá pelo amor, e a causa do desprezo que existe em nós se dá pelo ódio. Para Descartes, a estima e o desprezo além de se relacionarem aos objetos, também se relacionam a nós próprios, e nesse relacionamento, pode-se estimar ou desprezar a nós mesmos.

Segundo Descartes, a única razão para se estimar dá-se pelo “uso de nosso livre arbítrio e o império que temos sobre as nossas vontades”. (idem, p.136). Ainda, de acordo com Descartes, as nossas ações dependem do livre arbítrio. É esse livre arbítrio que faz com que se seja louvado e assim estimado, ou se seja censurado e quando censurado se despreza. O livre arbítrio para Descartes nos faz “semelhante a Deus, tornando-nos senhores de nós próprios, contanto que não percamos, por covardia, os direitos que ele nos concede”. (ibidem). O livre arbítrio é a coisa mais importante que possa existir em nós, justamente porque nos faz semelhantes a Deus. “O bom uso do livre arbítrio é o nosso maior bem e é dele, pois, que poderá vir o nosso maior contentamento”. (TEIXEIRA, 1990, p. 123).

Além do livre arbítrio, e do império que se tem sobre as nossas vontades que nos levam a estimar, Descartes diz que a estima a nós próprios pode chegar ao ápice quando se possui a verdadeira generosidade. Quando o homem é generoso, ele sente em si mesmo uma firmeza e uma constante realização do bem. Ao sentir isso, ele chega ao ponto mais alto da admiração por si mesmo. A generosidade nos leva ao reconhecimento do outro, possuindo uma boa vivência com ele, pois para Descartes, as pessoas generosas:

[...] nunca desprezam ninguém; e embora vejam muitas vezes que os outros cometem faltas que fazem aparecer suas fraquezas, sentem-se, todavia mais inclinados e desculpá-los do que a censurá-los e a crer que é mais por falta de conhecimento do que por falta de boa vontade que as cometem. (DESCARTES, 1987b, p.136-7).

Tendo em vista os benefícios que a generosidade nos traz, dir-se-á que a generosidade está vinculada à humildade, de tal forma que “os mais generosos costumam ser os mais humildes”. (idem, p.137). Com a generosidade e a humildade, os homens realizam o bem para os outros e para si mesmo. Ao agir assim, eles chegam ao ponto mais alto da estima por si mesmo.

Descartes diz que quem possui a generosidade que é uma virtude, então também possui o orgulho que é um vício. O orgulho “consiste na admiração desregrada da imagem que o homem faz de si mesmo em função do que ele crê que lhe é devido” (GUENANCIA, 1991, p. 132). Assim, o orgulho é o contrário da generosidade¹² e se dá quando se concebe de nós mesmos uma opinião boa. Pode-se considerar o orgulho como sendo uma injustiça, e mais injusto ainda “quando se é orgulhoso sem nenhum motivo”. (DESCARTES, 1987b, p. 137). Descartes considera a pessoa que age assim como sendo um ignorante e um estúpido, pois está alimentando um vício mascarado de falsidade que futuramente o leva à perdição do caráter de si mesmo.

Na generosidade tem-se a humildade, no orgulho tem-se a humildade viciosa. Essa humildade viciosa combate a humildade virtuosa se não se tem o verdadeiro conhecimento. O conhecimento combate o espírito baixo, a arrogância, a soberba, o ódio, a inveja, o ciúme e a cólera que são qualidades da humildade viciosa.

A humildade e a generosidade são consideradas por Descartes como sendo virtudes. Segundo Descartes, as virtudes não concordam tanto com as paixões como o vício concorda. Já foi visto que o orgulho e a generosidade nada mais são do que a opinião boa que se possui de nós mesmos. Essa opinião boa que se

¹² Lívio Teixeira (1990, p. 230) também está de acordo com esse pensamento cartesiano no sentido de que generosidade e orgulho são realmente opostos.

possui de nós mesmos é constituída da alegria, da admiração e do amor, que de certa maneira podem ser entendidas como virtudes.

As virtudes, “são hábitos da alma que a dispõem a certos pensamentos” e esses “pensamentos podem ser gerados somente pela alma”. (DESCARTES, 1987b, p. 139). Pode-se considerar como exemplo dessa afirmação, a generosidade. Para Descartes a generosidade é uma virtude que é adquirida através de pensamentos gerados pela alma. A generosidade é a virtude principal, pois é através dela que se originam todas as outras paixões.

Na sequência Descartes aborda a veneração e a define do seguinte modo:

A veneração ou o respeito é uma inclinação da alma não só para estimar o objeto que reverencia, mas também para se lhe submeter com algum temor, a fim de procurar torná-lo favorável. (idem, p.140).

Quando se venera as coisas sem saber, ou seja, quando não se tem conhecimento sobre elas, veneram-se coisas que nos causam o bem e coisas que nos causam o mal. Quando se venera as coisas que nos causam o bem, consequentemente tem-se amor por essas coisas. Tem-se amor justamente porque nos causa o bem. Já por outro lado, quando se venera as coisas que nos causam o mal, consequentemente tem-se ódio por tais coisas. Tem-se ódio justamente porque nos causa o mal. Assim, percebe-se que a veneração pode trazer o bem ou o mal. A veneração em si mesmo é boa, só não é bom determinado objeto que a veneração venera. O que esse determinado objeto nos causa pode ser um bem ou mal, dependendo o que seja tal objeto.

Descartes explica que a veneração é alimentada por causas livres, ou seja, eu venero ou deixo de venerar de acordo com a minha vontade, de acordo com o meu querer. Mas quem domina essa minha vontade e esse meu querer é a alma. E quando a alma age desse modo, chama-se desdém. Para Descartes desdém “é a inclinação da alma para desprezar uma causa livre”. (DESCARTES, 1987b, p. 140). Ou seja, desdém é quando a alma despreza minha vontade ou meu querer. Um exemplo que se pode estabelecer de acordo com essa explicação é o seguinte: tem-

se um determinado objeto. Hoje gosta-se muito desse objeto, mas amanhã, passa-se a não gostar desse objeto com a mesma intensidade que se gostava anteriormente.

Visto o desdém, falar-se-á agora da esperança e do temor. A esperança pode ser definida como sendo “uma disposição da alma para se persuadir que advirá o que deseja [...] e o temor é outra disposição da alma que a persuade de que a coisa desejada não advirá”. (DESCARTES, 1987b, p. 141). A esperança é de certa maneira a espera de algo que virá, e o temor é o medo de não acontecer o que se espera. Aqui se pode perceber muito claramente que essas duas paixões são contrárias, e que ao mesmo tempo estão juntas, pois não se tem esperança que não seja acompanhada por um pouco de temor, e não se tem temor que não seja acompanhado por um pouco de esperança.

Mas considera-se aqui também que a esperança pode expulsar o temor. Assim, quando ela chega a esse ponto, diz-se que essa esperança se transformou em segurança, ou seja, eu tenho confiança de que aquilo que desejo será um desejo realizado. Eu não possuo mais medo e nem a possibilidade de esse meu desejo não ser realizado. Do mesmo modo o desespero pode expulsar o temor. O desespero é quase que uma certeza de que o meu desejo não será realizado. No desespero, eu não possuo esperança, nem confiança, e nem a possibilidade de o meu desejo ser realizado. Desse modo, desespero passa ser a impossibilidade da realização do desejo.

Falar-se-á agora do ciúme. A definição de ciúme que Descartes estabelece é a seguinte: “ciúme é uma espécie de temor que se relaciona ao desejo de conservar a posse de algum bem”. (ibidem). Pode-se entender o ciúme como sendo certo medo que a pessoa tem de perder algum objeto que lhe pertence. O ciúme pode possuir o seu lado positivo e o seu lado negativo, o seu lado honesto e o seu lado censurável. No seu lado honesto, diz-se que ele é considerado como sendo bom, como sendo uma espécie de virtude. Para ficar mais claro, citar-se-á o seguinte exemplo: “um capitão que guarda uma praça de grande importância tem o direito de ser cioso, isto é, de desconfiar de todos os meios pelos quais seria possível surpreendê-la”. (DESCARTES, 1987b, p. 142). Já o ciúme no seu lado censurável,

diz-se que é considerado como sendo ruim, como sendo uma espécie de vício como, por exemplo, “um homem que sente ciúme de sua mulher, porque isso testemunha que não a ama seriamente e que alimenta má opinião de si ou dela”. (ibidem).

Depois de comentar o ciúme, comentar-se-á agora a irresolução. Para Descartes, a irresolução pode ser considerada como sendo uma espécie de receio sendo que esse receio não é propriamente uma paixão, é apenas uma emoção dos espíritos. Essa emoção dos espíritos se faz presente quando, por exemplo, tem-se que escolher muitas coisas, e entre essas muitas coisas a bondade parece estar em todas. Desse modo surge a dúvida em escolher a coisa que possui o maior grau de bondade, já que a bondade se faz presente em muitas coisas. Isso causa uma incerteza provocando a irresolução. Irresolução é não saber o que fazer em determinadas circunstâncias. Para Descartes o único remédio contra a irresolução “é o conhecimento, a ciência e a clarificação do pensamento, a sabedoria”. (TEIXEIRA 1990, p. 69).

A irresolução é entendida, portanto como sendo o colapso da vontade diante da vida, pois é a incapacidade de ação que provém da incapacidade de escolha. O horror à irresolução em Descartes é tão grande que vai até ao ponto de afirmar que a liberdade ou a vontade deve afirmar-se como vontade, mesmo quando lhe falta o elemento intelectual que é o seu normal ponto de apoio. A ação que provém da irresolução diante da incapacidade de escolha entre diversas coisas cuja bondade parece igual constitui para Descartes o mais baixo grau de liberdade. No entanto, a irresolução pode ser útil quando marca a necessidade de tempo para refletir e escolher bem fazendo uso das melhores razões possíveis.

Ora, visto a irresolução, veremos na sequência a coragem e a ousadia. Para entender melhor essas duas paixões são importantes entender suas definições:

A coragem quando é uma paixão e não um hábito ou inclinação natural, (sic) é certo calor ou agitação que dispõe a alma a se entregar poderosamente à execução das coisas que ela quer fazer, de qualquer natureza que sejam; e a ousadia é uma espécie de

coragem que dispõe a alma a execução das coisas que são as mais perigosas. (DESCARTES, 1987b, p.143).

Para Descartes a ousadia está acima da coragem e que ao mesmo tempo está em constante vínculo com a coragem. Diz-se isto, pois para se ter ousadia, é necessário primeiramente possuir a coragem. Diz-se que é a coragem que dá suporte a ousadia. A coragem quando em excesso, pode mudar de natureza, transformando-se em ousadia. Como a própria definição já diz, a ousadia é uma espécie de coragem.

Além da ousadia, observa-se que há também outra espécie de coragem que é a emulação. Para Descartes, “emulação não é mais do que um calor que dispõe a alma a empreender coisas que espera lograr com êxito, porque as vê logradas por outros”. (ibidem). Observando o que Descartes fala de emulação, percebe-se que esta é uma espécie de coragem cuja causa principal está baseada, no seguinte exemplo: eu tenho essa espécie de coragem. Tenho por que estou me baseando que os outros já tiveram e alcançaram com êxito o seu propósito. Logo se eu tiver essa coragem, alcançarei também com êxito o meu propósito.

Têm-se duas paixões que é completamente o oposto da coragem e da ousadia. Essas paixões são a covardia e o medo, sendo que a covardia é contrária à coragem e o medo é contrário à ousadia. A covardia,

“[...] é uma langor ou uma frieza que impede que a alma se entregue a execução das coisas que efetuará [...] e o medo [...] não é apenas uma frieza, mas também uma perturbação e um espanto da alma que lhe subtrai o poder de resistir aos males que ela pensa estarem próximos”. (ibidem).

O uso da covardia serve de certa maneira para controlar as decisões rápidas que se toma, e isso ocorre na maioria das vezes, durante o estresse do trabalho no dia a dia. A covardia alivia a alma do estresse. Mas a covardia não é considerada por Descartes como sendo boa, porque ela “desvia a vontade das ações úteis”. (idem, p.144). Para controlar a covardia, ou melhor, para combater a ousadia, precisa-se estimular duas paixões que segundo Descartes, são a esperança e o desejo.

A covardia pode estar vinculada a um pouco de medo. Descartes diz que o medo jamais pode conter alguma coisa boa, ele não causa nada de bom. “É difícil pensar bem e agir bem quando somos dominados pelo medo”. (TEIXEIRA, 1990, p. 226). Descartes diz ainda que o medo é a covardia juntamente com o espanto e o receio em excesso. Viu-se que para combater a covardia estimula-se a esperança e o desejo, mas para combater o medo, precisa-se eliminar a surpresa, pois Descartes considera a surpresa como sendo a principal causa do medo.

Outra subpaixão que será analisada agora é o remorso. Descartes define remorso através da dúvida se a coisa que se fez é boa ou não. Essa dúvida nos causa tristeza. Quando se tem certeza do que se fez é mau, não se tem somente remorso, mas também arrependimento. Descartes diz que o único remédio que combate o remorso é formar juízos que apresentam de que tudo aquilo que se fez foi o melhor possível.

A zombaria, é uma outra subpaixão que está associada a um pequeno mal sobre uma pessoa, de modo que se acha que esse pequeno mal é digno de determinada pessoa. É importante esclarecer aqui que não se gosta desse pequeno mal, apenas tem-se alegria (zombaria) de ver a aplicação desse mal em determinada pessoa, uma vez que se considera digna dele. A zombaria possui seu lado positivo, pois pode ser considerada como sendo uma qualidade que o homem bondoso possui, é alegria e a paz da alma que são consideradas virtudes, pois a zombaria deixa de ser zombaria e passa a ser um momento agradável.

Depois da zombaria, ver-se-á neste instante a inveja. Segundo Descartes a definição de inveja é:

Um vício que consiste na perversidade de natureza que leva certa gente a se desgostar com o bem que vê acontecer aos outros homens [...]. A inveja, portanto, enquanto é uma paixão, é uma espécie de tristeza mesclada de ódio que nasce do fato de se ver acontecer o bem àqueles que julgamos indignos dele. (DESCARTES, 1987b, p. 145).

Descartes, ao falar dos bens indignos, está se referindo aos bens de fortuna e não aos bens da alma ou aos do corpo. Os bens da alma ou os do corpo são bens

que se adquire de nascença, e para Descartes todos os bens que se adquire de nascença somos dignos dele, pois foi Deus quem concedeu.

A inveja é o vício que mais prejudica a felicidade dos homens, para Descartes. A inveja é tão ruim, que Descartes diz que quem possui essa mácula geralmente tem a cor da pele “mesclada de amarelo e preto”. (DESCARTES, 1987b, p. 146).

Falar-se-á agora de uma paixão que é contrária à inveja. Tal paixão é a compaixão. Essa pode ser definida como sendo “espécie de tristeza misturada de amor ou de boa vontade para com aqueles a quem vemos sofrer algum mal de que os julgamos indignos”. (ibidem). Descartes se refere aos mais compassivos, como sendo aqueles que possuem a capacidade de perceber o mal do outro. Ao perceber o mal do outro, os compassivos têm uma visão de possibilidade de que esse mal pode acontecer a si próprio, e desse modo são mais compassivos não pelo amor que dedicam aos outros, mas primeiramente pelo amor que dedicam a si mesmos. Assim, para Descartes, os mais compassivos são aqueles que enfrentam as maiores dificuldades, são aqueles que são fracos e não possuem fortuna.

Mas deve-se considerar também que os que possuem fortuna, os fortes, os que não veem a possibilidade de mal algum lhes acontecer, também possuem compaixão. Mas para esses terem a compaixão, é necessário que vejam a situação, é necessário perceberem a imperfeição do outro. Ao perceberem a situação do outro, essas pessoas fortes são capazes de ficar um pouco tristes, mas essa tristeza não está no interior da alma. O que verdadeiramente está no interior da alma é certo pensamento de dever cumprido por ter se compadecido dos mais fracos e dos sem fortunas.

Abordado os que possuem a compaixão, abordar-se-á agora os que não possuem a compaixão. Segundo Descartes, os que são insensíveis à compaixão, são aqueles que pensam que nenhum mal possa lhes acontecer, são os cegos pela fortuna, são os de espíritos invejosos e malignos.

Abordada a compaixão, tratar-se-á agora da satisfação. Para Descartes, a satisfação está vinculada à virtude e essa virtude gera na nossa alma “tranquilidade e descanso de consciência”. (idem, p. 147). Assim, quando se pratica uma ação e considera-se essa ação como sendo boa, diz-se que é uma paixão, pois gera na nossa alma a alegria. Essa alegria é a mais doce de todas as paixões, pois sua causa foi dependente exclusivamente de nós próprios. Pratica-se essa alegria por livre espontânea vontade. Deste modo, a satisfação de si próprio depende das nossas atitudes e principalmente de nossas ações. Quando se tem ações boas, possui-se satisfação; e quando não se possui ações boas, possui-se vícios. Esses vícios são causados pelas más ações, como a arrogância e o orgulho.

O contrário da satisfação de si próprio é o arrependimento. A definição de arrependimento é: “uma espécie de tristeza proveniente de se julgar que se praticou qualquer má ação”. (ibidem). O arrependimento é muito doloroso, pois somos exclusivamente nós os responsáveis por toda a causa do arrependimento. Descartes fala que o antídoto contra o arrependimento é o mesmo antídoto contra a irresolução, que é a formação de juízos certos e determinados diante da escolha. Esses juízos atuam gerando na nossa consciência a sensação de que aquilo que, foi escolhido foi o mais correto e o melhor possível.

Depois do arrependimento analisar-se-á agora o favor. Favor “é propriamente um desejo de que aconteça o bem a alguém para com o qual temos boa vontade”. (idem, p. 148). Essa vontade para Descartes deve surgir de uma ação boa. Na maioria das vezes, presta-se favor às pessoas que possuem e fazem uma boa ação, e são essas pessoas a quem mais se ama. Ama-se porque possuem uma boa conduta, e assim tem-se maior facilidade de prestar favor a essas pessoas. Nesse sentido, o favor está mais relacionado com o amor, pois existem pessoas de quem se gosta mais e pessoas de quem se gosta menos. Nesse caso, presta-se muito mais favor às pessoas de quem se gosta mais do que as pessoas de quem se gosta menos.

Na sequência, Descartes aborda o reconhecimento. Este contém tudo o que existe no favor, e está presente quando se crê que alguma pessoa nos fez algum bem ou queria fazê-lo. O reconhecimento diferencia do favor, pois o favor não gera

em nossa consciência desejo de retribuição e o reconhecimento gera. Na alma, o reconhecimento produz muito mais força que o favor, pois o reconhecimento toca o nosso pensamento, e ao tocar o nosso pensamento, ele gera em nós o desejo de retribuição.

O contrário do reconhecimento é a ingratidão. Segundo Descartes (1987b, p.148), a ingratidão é um vício e esse vício pertence somente aos homens arrogantes, aos brutais, aos estúpidos e aos fracos. Esses não agem tendo em vista nenhuma ação boa para com o próximo, se não for por recompensa.

Dando sequência às paixões, ver-se-á agora a indignação. A indignação é definida como sendo “uma espécie de ódio ou de aversão que se nutre naturalmente contra os que praticam algum mal, de qualquer natureza que seja”. (ibidem). A indignação está mais relacionada com a compaixão ou com a inveja, mas não no sentido de inveja e compaixão como foi visto anteriormente. Esta relação se dá mediante o bem ou o mal. Quando uma pessoa recebe o bem então se possui inveja. Inveja porque se deseja que esse bem seja nosso. Mas quando essa pessoa recebe um mal, então se possui compaixão. Compaixão porque não se queria que esse mal acontecesse conosco. Descartes diz que a indignação está mais relacionada à compaixão e à inveja neste sentido.

A indignação além de estar mais relacionada com a compaixão ou com a inveja, também pode estar acompanhada da admiração. Essa admiração se dá quando se julga que determinada situação resulta em um tipo de consequência e quando se dá conta, tem-se outro tipo de consequência. Isso provoca em nós a surpresa, procedendo assim à admiração acompanhada de indignação. Esse tipo de admiração se caracteriza mais com a tristeza, pois geralmente a situação que se julga ser de um modo bom não ocorreu. Assim, se o bom não ocorreu, necessariamente ocorreu o ruim e esse ruim nos causa à tristeza.

Estudar-se-á agora uma paixão que é oposta ao reconhecimento, e que contém tudo o que a indignação contém e mais um pouco. Tal paixão é a cólera. Segundo Descartes (1987b), a cólera é um tipo de ódio ou um tipo de aversão que se alimenta contra as pessoas que nos causam algum mal ou têm o interesse de

causar. A cólera é tão violenta que resulta em um desejo de vingança, e para Descartes, esse desejo de vingança é o mais imperativo de todos. Acerca da cólera, Lívio Teixeira diz o seguinte:

Não há nenhuma paixão cujo excesso seja mais nocivo, porque a cólera perturba a capacidade de julgar e nos leva a cometer faltas de que depois temos de nos arrepender, e ainda mais, frequentemente nos impede de repelir as injúrias tão bem como poderíamos fazer se não estivéssemos dominados por ela. (TEIXEIRA, 1990, p. 226).

Na continuidade, veremos a glória. Descartes a define como sendo “uma espécie de alegria fundada no amor que se tem por si próprio e que provém da opinião ou da esperança de sermos louvados por alguns outros”. (idem, p. 151). A glória nasce do amor que nós mesmos temos por nós. Esse amor vem a nós quando se recebe um elogio ou quando se é louvado. A glória diferencia-se da satisfação interior, porque a glória não depende do reconhecimento de nossa ação, isto é, para se ter glória não se tem necessidade de saber se a ação que foi praticada foi boa ou não. A glória necessita apenas de alguém que elogie nossa ação. A nossa ação pode ser considerada ruim por nós e boa para os outros, da mesma forma pode ser considerada como sendo boa por nós e ruim pelos outros. Já na satisfação interior, é necessário que reconheçamos nossa ação como sendo uma ação boa para se ter realmente a satisfação interior.

Depois de ter falado da glória, falaremos agora da vergonha. Segundo Descartes a definição de vergonha é:

Uma espécie de tristeza também fundada no amor a si próprio e que provém da opinião ou do temor de sermos censurados, e, além do mais, uma espécie de modéstia ou de humildade e desconfiança de si próprio. (idem, p. 151-2).

A principal causa da vergonha é o temor e o principal remédio é a estima. Quando se possui medo, nasce a vergonha. Para combater a vergonha deve-se cultivar a estima a nós próprios, e para que se cultive essa estima é necessário ter amor próprio, pois só tem estima quem gosta de si próprio, quem ama a si próprio.

O oposto da vergonha é a imprudência. Para Descartes imprudência não pode ser considerada como sendo paixão, pois para ser paixão necessariamente tem de haver movimento de espíritos e na imprudência não há movimento de espíritos. Se não é paixão, então é o quê? Segundo Descartes é uma espécie de vício que nos causa o mal.

Comentada a imprudência, comentar-se-á agora o fastio. Este é uma espécie de tristeza que se tem depois que a alegria passa. Essa paixão está mais relacionada com o comer e com o beber. Há certas coisas que se desfruta e tais coisas são boas somente por um determinado período. Tais coisas, por exemplo, é a comida. Quando temos apetite, comemos, e isso é bom, mas quando não se tem apetite e comemos isto já não é bom. Do mesmo modo ocorre com o beber. Desse modo, o fastio se dá quando os alimentos “cessam de ser então agradáveis ao gosto”. (idem, p. 152).

A penúltima paixão a ser analisada é o pesar. Segundo Descartes o pesar é uma lembrança do prazer que se teve e que no momento não se tem mais. Só se tem pesar por bens os quais não se possui mais esperança de recuperá-los. O pesar é uma paixão que está vinculada à tristeza, porque se sabe que não vai mais possuir aquele prazer que se teve, e essa tristeza resulta na lamentação.

A última paixão abordada por Descartes é o júbilo. Para Descartes júbilo é:

Uma espécie de alegria que apresenta de particular o fato de sua doçura ser aumentada com a lembrança dos males que sofremos e dos quais nos sentimos aliviados da mesma maneira como nos sentimos livres de algum pesado fardo que tivéssemos carregado por longo tempo sobre nossos ombros. (idem, p. 153).

O júbilo é uma espécie de alívio, e esse alívio é responsável pela alegria. Essa alegria para Descartes se dá quando se lembra do passado e se pensa nas coisas ruins que aconteceram, mas que nesse instante essas coisas não acontecem mais. Assim, o júbilo está vinculado às coisas boas e não as ruins.

Depois de analisar todas as paixões, depois de conhecê-las, Descartes apresenta um remédio geral que combate todos os excessos das paixões. Descartes possui em mente essa possibilidade de as paixões se tornarem excessivas ou deficientes produzindo desse modo, claro, males ao homem.

Descartes não entra no que se poderia chamar hoje de condições patológicas da área da psicologia. Ele apenas diz dessa possibilidade e apresenta um remédio geral que teria a função de equilibrar os excessos das paixões. Tal remédio é a generosidade. A generosidade é a melhor virtude que se pode ter. Descartes diz que se deve viver de acordo com as virtudes. E viver de acordo com as virtudes é evitar o excesso, o desregramento e os defeitos das paixões. A generosidade é a principal virtude, é o ápice de todas as virtudes, pois é com ela que se assume o devido lugar, através dela aprende-se a estimar a nós mesmos e a respeitar o outro.

Neste capítulo, teve-se a oportunidade de analisar todas as paixões da alma e o efeito que cada paixão provoca no corpo. Jordino Marques nos fala que “as verdadeiras paixões da alma são percepções causadas pela alma [...] e são processos que devem ser atribuídos à união do corpo e da alma”. (MARQUES, 1993, p.130). Com isso, pode-se perceber com clareza que através das paixões, a alma se relaciona com o corpo. Isso é o que será analisado no terceiro capítulo, onde será tratada especificamente da relação entre corpo e alma.

TERCEIRO CAPÍTULO

3.0 – RELAÇÃO ENTRE CORPO E ALMA

No primeiro capítulo, foi apresentada a definição de corpo e a definição de alma para Descartes. No segundo capítulo foram analisadas as paixões da alma e o efeito que cada paixão causa no corpo. Partindo disso, têm-se condições de analisar a relação entre corpo e alma. Este terceiro capítulo se preocupa em analisar as seguintes questões: a prova da existência de Deus que garante a existência do mundo e de todas as coisas; a prova da existência do corpo; se a “minha” existência depende de mim, dos meus pais ou de Deus; as divergências e convergências da concepção de alma em Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino para Descartes; e por fim, como se dá a relação corpo e alma e se ela está verdadeiramente unida ou separada do corpo.

Iniciar-se analisando a prova da existência de Deus que garante a existência do mundo e de todas as coisas. É somente com a prova da existência de Deus que se pode analisar todos os outros subitens.

3.1 – A prova da existência de Deus

A existência de Deus é um elemento essencial de toda teoria do conhecimento de Descartes desempenhando assim um papel central no seu sistema filosófico. Primeiramente, Descartes coloca em dúvida a possibilidade de haver e não de haver um Deus. Sabe-se que Descartes dúvida de tudo: da sua existência, das certezas matemáticas e das fontes do conhecimento humano. Descartes só não duvida do ato de duvidar. Importante considerar aqui que a perfeição para Descartes não está no duvidar, mas sim no conhecer. Quanto mais conheço mais perfeito sou. Por mais conhecimento que tenha, nunca terei todo o conhecimento. Logo não sou totalmente perfeito. Mas tenho o pensamento, e com esse pensamento posso

conhecer alguma natureza que de fato é mais perfeita que eu. Sabe-se que a certeza e a verdade para Descartes têm que resistir a qualquer dúvida. O primeiro passo para se ter certeza de algo é colocar esse algo em dúvida.

A partir disso, depois de ter colocado a existência de Deus em dúvida, Descartes estabelece três provas da existência de Deus. Com elas fica comprovado o conhecimento de Deus. “Na ausência do conhecimento de Deus, toda a existência pode precisamente ser posta em dúvida”. (ALQUIÉ, 1969, p.98). A existência de Deus é causa para a existência de todas as coisas. “Tudo o que existe no mundo (...) tem Deus por autor e é, *ipso facto*, verdadeiro e verídico”. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 610-611).

Com as provas da existência de Deus conclui-se a existência do mundo, a existência de todas as coisas e o afastamento do gênio maligno. O objetivo de Descartes em demonstrar que Deus existe, “é unicamente para provar que o Gênio maligno não existe e que nossas ideias claras e distintas têm um valor objetivo e certo”. (idem, p. 215). Gênio maligno é uma espécie de dúvida, e tal dúvida causa no meu ser o ato de duvidar de todas as coisas. Mas com a prova da existência de Deus essa hipótese do gênio maligno é afastada de uma vez por todas.

Descartes, na *Primeira Meditação* acredita que o homem é criatura de Deus. “[...] há um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido como sou”. (DESCARTES, 1973b, p.95). Nesta meditação, Descartes apresenta razões para duvidar de tudo, principalmente das coisas materiais.

Ora, quem me poderá assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de maneira diferente daquela que vejo? (DESCARTES, 1973b, p.95)

É nas *Meditações Metafísicas*, especificamente na terceira meditação que Descartes prova a existência de Deus e, conseqüentemente, prova a existência de todas as coisas. Deus, para Descartes, “é considerado soberanamente bom”. (ibidem). Segundo Descartes, um Deus que não seria bom é considerado um sinal

de malignidade e impotente. Essa malignidade estaria presente no mundo e constituiria o engano para o homem das coisas que ele realmente acreditaria como sendo verdadeiras. Um Deus que é considerado bom não pode ser enganador.

A bondade, sem dúvida, exclui o engano, mas a onipotência não deixa de excluí-lo também. Pode-se ver que é impossível que Deus seja enganador, desde que se queira considerar que a forma ou a essência do engano é um não ser, para o qual o Soberano não pode jamais se dirigir. A Bondade, longe de limitar a onipotência, coaduna-se com ela, pois enganar é sinal de impotência tanto quanto de maldade: Querer enganar, longe de ser uma marca de potência, é não apenas uma marca da maldade, mas também da fraqueza. A própria onipotência exclui a maldade. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 51-52).

Segundo Descartes, tudo que se concebe como sendo claro e distinto em nosso espírito é verdadeiro. A ideia de Deus que tenho no meu espírito é clara e distinta. Desse modo, “concebo um Deus soberano, eterno, infinito, imutável, onisciente, onipotente e criador universal de todas as coisas”. (idem, p.111). Deus é a primeira verdade e o fundamento de todas as outras. Na carta escrita a Marin Mersenne¹³, Descartes afirma que:

É uma blasfêmia dizer que a verdade de alguma coisa precede o conhecimento que Deus tem dessa mesma coisa, pois a existência de Deus é a primeira e a mais eterna de todas as verdades que podem existir, e é a verdade de onde procedem todas as outras. (AT I 150. DESCARTES A Mersenne 6 de maio de 1630, I, p. 149.)

Ver-se-á nesse instante as três provas da existência de Deus e como Descartes argumenta a partir delas. Na primeira prova, Descartes parte da ideia de perfeição.

Segundo ele, no meu pensamento, isto é, na minha alma, há uma ideia de perfeição. Esta ideia de perfeição não tem a sua origem em mim e nem de nada que há em mim, pois não sou perfeito. Não sou perfeito porque duvido. Desse modo, essa ideia de perfeição que tenho na alma possui uma natureza diferente da minha, porque contém todas as perfeições. Assim sendo, posso considerar que existe uma

¹³Padre pertencente à Ordem dos Mínimos que viveu entre os anos de 1588 a 1648. Foi teólogo, matemático e filósofo francês. Correspondia-se com os cientistas contemporâneos de sua época como Descartes e Galileu.

natureza fora de mim que contém todas as perfeições. Essa natureza foi colocada na minha alma, “por uma natureza que fosse verdadeiramente mais perfeita do que a minha, e que mesmo tivesse em si todas as perfeições de que eu poderia ter alguma ideia, isto é, para explicar-me numa palavra, que fosse Deus”. (DESCARTES, 1973a, p.55). A partir disso, Deus passa a ser o autor da minha ideia de perfeição e o criador do meu ser.

[...] Deus é ou existe, e é um ser perfeito, e porque tudo o que existe em nós nos vem dele. Donde se segue que as nossas ideias ou noções, sendo coisas reais, e provenientes de Deus em tudo em que são claras e distintas, só podem por isso ser verdadeiras. (DESCARTES, 1973a, p.55)

Descartes diz que tudo o que provém de Deus é verdadeiro, pois Deus possui todas as perfeições, e quem é perfeito, não faz nada que seja contra a verdade.

A ideia de perfeição que tenho no meu ser é uma ideia de um ser totalmente perfeito dotado de todos os atributos que eu consigo imaginar. A perfeição é um atributo de Deus. Descartes (1973c, p.183) diz que falar de um atributo de um ser é falar que tal atributo pertence a esse ser, e falar que tal atributo pertence ao ser, é falar que o ser existe. Esse ser é Deus.

Para melhor entender a ideia acima, pode-se dizer que Deus é bom. Entende-se que a bondade é um atributo de Deus e pertence ao ser de Deus. Desse modo, quando digo que a bondade pertence a Deus, a existência de Deus é garantida, pois a bondade não poderia pertencer a Deus caso ele não existisse.

(...) devemos manter sempre diante dos olhos que o poder e a bondade de Deus são infinitos, a fim de que isso nos faça conhecer que não devemos ter o receio de falhar ao imaginarmos suas obras demasiado grandes, *demasiado belas* ou *demasiado perfeitas*. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 617).

Voltando a falar de perfeição, pode-se perguntar: qual ser causou a ideia de perfeição que tenho na minha consciência? A ideia de perfeição que tenho na consciência não pode vir do nada, algum ser é a causa de tal ideia. Para Descartes, o ser responsável pela ideia de perfeição que está em minha consciência é Deus, e,

portanto, Deus existe, é perfeito, age perfeitamente e realiza sempre o melhor. Supor que Deus possa agir imperfeitamente e não realizar o melhor não tem sentido para Descartes porque isso é admitir que sua onipotência infinita pudesse ser limitada e impotente.

Outra prova da existência de Deus estabelecida por Descartes está na existência do meu ser. A minha existência pertence a quem? A mim mesmo, aos meus pais, ou a Deus? Se minha existência pertence a mim mesmo, eu sou responsável por ela, ou seja, eu mesmo me criei. Se por outro lado a minha existência pertence a meus pais, são eles os responsáveis por ela, ou seja, são eles que me deram a existência. Se pertencer a Deus, é Deus o responsável pela minha existência, ou seja, ele é o responsável pelo fato de eu existir. Descartes conclui afirmando que a minha existência pertence a Deus, e se pertence a Deus, logo, Deus existe. Essa prova da existência de Deus será argumentada de maneira mais aprofundada no subtópico 3.3 que trata sobre o autor da minha existência.

A última prova da existência de Deus estabelecida por Descartes está de acordo com a prova da existência de Deus de Santo Anselmo¹⁴. Deus é definido como sendo aquele ser além do qual nada pode ser pensado de maior. Sendo assim, Deus é o máximo. Sendo Deus o máximo, necessariamente ele tem que existir, pois, se não existisse, seria um nada. Da definição de Deus, tem-se implicado nessa definição a existência de Deus. Da ideia que eu tenho da essência de Deus vem junto à existência de Deus. Deus é perfeito e sendo perfeito ele necessariamente existe, pois, a existência é uma das perfeições.

Provada a existência de Deus, Descartes prova também a existência do mundo e a existência de todas as coisas. Investigar-se-á, agora, como Descartes prova a existência do corpo.

3.2 – Prova da existência do corpo e conhecimento dessa existência

¹⁴ Pensador de grande destaque que viveu entre os anos 1033 a 1109. Foi um dos vértices do pensamento medieval.

Antes de tratar da existência do corpo Descartes apresenta na segunda *Meditação Metafísica*, algumas características do corpo: corpo é uma junção de membros e é “provido de rosto, mãos, braços, e toda essa máquina composta de ossos e carne”. (DESCARTES, 1973b, p.101). Além disso, o corpo alimentava, caminhava, “sentia e pensava e relacionava todas essas ações à alma”. (ibidem).

Descartes em certo momento chega a comparar o corpo a uma máquina. “Em tudo aquilo que não diz respeito à alma, o homem se assemelha a uma máquina”. (SILVA, 1993, p.95). Essa máquina, que pode ser entendida claramente como sendo o corpo, é perfeita, isso porque todo o funcionamento do corpo, todas as suas funções orgânicas, podem ser vistas como “funcionamento de uma máquina muito bem construída”. (ibidem).

Se tudo aquilo que não diz respeito à alma é uma máquina, então se pode pensar nesse momento em alguns seres que não possuem alma racional, como por exemplo, os animais. Na visão de Descartes, os animais não possuem alma racional, logo esses animais são vistos como sendo uma máquina, isto é, o corpo dos animais funciona como sendo máquina.

Apesar de ter chegado a essa conclusão sobre o corpo, Descartes não acredita com clareza e distinção que o corpo realmente existe. No fundo, ele acredita que tudo isso pode ser uma invenção, uma fantasia que o gênio maligno colocou na sua mente.

Foi visto no ponto 3.1 que Descartes provou a existência de Deus. Provada a existência de Deus, Descartes afasta o gênio maligno, pois ser enganador é obviamente contraditório a natureza de Deus. Afastado o gênio maligno, fica mais fácil provar a existência do corpo, pois não há mais possibilidade de eu ser enganado pelo gênio maligno. Quando Descartes descobre quem é o autor de sua existência, ele conhece melhor a si mesmo. Para Descartes o corpo é algo produzido por Deus e se é produzido por Deus, o corpo existe, pois, como já foi visto, a existência de Deus garante a existência do corpo e de todas as coisas.

Provada a existência do corpo, Descartes irá analisar o que é verdadeiramente. Segundo ele, “nada sou [...] senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento, uma razão”. (AT VII 27. DESCARTES, 1973b, p.102). Com o pensamento, Descartes afirma que ele é antes de tudo “uma coisa que pensa”. (ibidem). O primeiro conhecimento de todos é justamente esse.

De fato, o conhecimento de que sou uma coisa que pensa, sendo o primeiro de todos (a primeira verdade indubitável da ciência), não pôde ser condicionado por nenhum outro: a primeira das coisas conhecidas não pode depender de coisas que são ainda desconhecidas e, por consequência, supostamente inexistentes. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 75).

Para Descartes o conhecimento da sua existência é estritamente intelectual. Daí sua natureza pode ser concebida apenas como pura inteligência e como puro espírito. A compreensão da existência do eu pensante não é condicionada por elementos corporais. Chega-se aí a duas conclusões: a primeira é o conhecimento do que sou: “eu sou um espírito, ou seja, uma coisa pensante distinta de todo elemento corporal”. (idem, p.76). A segunda é o conhecimento do que é a natureza deste espírito: “é essencialmente uma inteligência, por si mesma distinta da imaginação e dos sentidos” (ibidem). É por meio dessas duas conclusões que se torna conhecido o significado das palavras alma (espírito), entendimento, intelecto e razão. Estes diferentes termos designam “todos um só e mesmo princípio: a inteligência, que por si mesma, constitui uma só e única condição de possibilidade de todo meu conhecimento em geral”. (idem, p.77).

Sabendo que sou uma coisa que pensa, Descartes irá investigar se sou mais que uma coisa que pensa, e se sou, qual será essa coisa? Para solucionar essa questão, Descartes faz uso da imaginação, negando tudo o que está relacionado ao corpo. A partir daí, posso investigar com mais clareza qual é essa coisa que sou, já que não sou um corpo com todas as suas funções. Desse modo, Descartes insiste em dizer novamente que ele se conhece apenas pela inteligência.

(...) porque posso me conhecer apenas pela inteligência, vejo imediatamente que sou apenas inteligência; e porque *sou apenas* inteligência, a inteligência apenas, e não a imaginação e os sentidos é capaz de me fazer conhecer o que sou. É por conta

disso que devo concluir que a imaginação e os sentidos são estranhos a natureza do espírito, ao passo que a inteligência, a única requerida para compreendê-la, lhe pertence. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 78).

A imaginação e os sentidos são apreendidos especificamente no meu espírito como pensamentos relacionando com a alma, pois não podem ser compreendidos sem ela. O meu ser, isto é, essa coisa que pensa é também “uma coisa que dúvida que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina [...] e que sente”. (AT, VII, 28. DESCARTES, 1973b, p.103).

Para Descartes chegar a essa conclusão de que ele não é somente uma coisa que pensa, ele faz uso da imaginação. Essa “imaginação trabalha com a presença de objetos físicos, traçando os contornos dos mesmos quando não estão presentes à sensação”. (SILVA, 1993, p.72). A imaginação também está ligada aos corpos, pois ela os torna fisicamente em imagens. Vejamos o exemplo:

Quando penso numa figura de quatro lados, posso também imaginar com razoável nitidez a figura, isto é, posso compô-la em imagem, vendo-a por assim dizer, com os olhos do espírito. O mesmo não ocorre quando penso numa figura de mil lados; aí já não posso compor na imaginação, ‘ver’ a imagem do polígono [...]. (ibidem).

Através do exemplo acima, pode-se dizer que a imaginação embora trabalhe com o pensamento, não é o pensamento. Desse modo, a imaginação seria como que o pensamento voltado para as coisas materiais. A imaginação não se confunde com o entendimento, pois imaginação está ligada a seres corpóreos, sensíveis e materiais. Já o entendimento de alguma maneira se liga ao pensamento. Lívio Teixeira (1987, p.190) diz que a imaginação pressupõe a existência dos corpos e a relação do corpo com a alma. A imaginação depende do corpo para ver as coisas materiais.

Essa imaginação está em mim e conseqüentemente faz parte do meu ser. Descartes, para conhecer mais a si mesmo, se desliga do mundo. “Fecharei agora os olhos, tamparei meus ouvidos, desviar-me-ei de todos os meus sentidos, apagarei mesmo de meu pensamento todas as imagens de coisas corporais”. (DESCARTES, 1973b, p.107). Com esse procedimento, Descartes conclui dizendo

que somos mais que uma coisa que pensa. Mas somos mais o quê? Além de pensar possuímos algumas atitudes como: querer alguma coisa, de não querer, de afirmar, de negar, de duvidar, de conceber, de sentir etc. Na sequência Descartes investiga a origem e a causa de sua existência.

3.3 – Qual a origem de minha existência?

Descartes questiona-se acerca de sua existência. “E, pergunto, de quem tirarei minha existência? Talvez de mim mesmo, ou de meus pais, ou ainda de quaisquer outras causas menos perfeitas que Deus”? (DESCARTES, 1973b, p. 117). Com a dúvida de quem é o autor de seu ser, Descartes argumenta: quanto a minha existência, eu não posso ser o autor dela, pois senão eu teria me produzido com todas as perfeições. Mas como sei que não sou perfeito? Sei por que duvido. O ser perfeito não duvida. Se eu fosse o autor de minha existência, eu teria uma natureza perfeita e teria dado todas as perfeições que me faltam e de que tenho a ideia em mim, uma vez que tenho a ideia do perfeito.

É por essa presença da ideia de perfeito que eu posso conhecer inicialmente o que é Deus, cuja existência eu investigo; em seguida, que eu mesmo tenho defeitos e não posso ser por mim mesmo; enfim, que a causa do meu eu é necessariamente perfeita e, por consequência, é Deus. Nenhuma coisa, ou perfeição alguma dessa coisa atualmente existente, não pode ter o Nada, ou uma coisa não existente, como a causa de sua existência. (DESCARTES, 1973c, p. 182).

Assim, Deus é perfeito e eu não sou perfeito porque se fosse perfeito eu não duvidava e teria a mesma natureza do meu criador. Se assim fosse, o criador e a criatura teriam naturezas perfeitas e seriam inseparáveis e não se saberia quem seria o criador e quem seria a criatura já que ambos são perfeitos. Portanto, a minha existência não vem de mim mesmo. Eu não posso ser de modo algum, o autor de minha existência. Logo, possuo o conhecimento claro que sou dependente de um ser diferente de mim. Não sou o autor do meu ser.

Resta agora examinar se minha existência pertence a meus pais ou a qualquer outra causa menos perfeita que Deus. (Cf. DESCARTES, 1973b, p. 117). Segundo Descartes, a minha existência não pertence a nenhuma das duas realidades. Não pertence a meus pais, pois mesmo que eles tenham me produzido, eles não me produziram como coisa pensante e não me conservam. (Cf. GUEROULT, (1953), 2016, p. 290).

Para Descartes minha existência tem origem em Deus. Sou um ser pensante e na natureza desse ser pensante já está à ideia de Deus. A partir daí pode-se perguntar: de onde vem essa ideia de Deus que está no meu ser pensante? Ora, é claro que a ideia de Deus que está no meu espírito foi produzida em mim desde o momento em que fui criado. “A criação do meu ser e a colocação em mim da ideia de Deus aparecem como não podendo mais se dissociar. A ideia de Deus é, portanto, inata”. (Idem, p. 305).

Descartes afirma que tenho a ideia de Deus no meu ser, porque Deus, ao me criar, colocou “em mim esta ideia para ser como que a marca do operário impressa em sua obra”. (DESCARTES, 1973b, p.120). O meu ser é obra de Deus e Deus criou essa obra “a sua imagem e semelhança”. (ibidem). De todas as coisas criadas aquela que tem mais ser, a que possui o mais alto grau de semelhança com Deus é o homem. Eis o motivo que para Descartes, de todos os seres que foram criados (pedra, animal, homem) faz com que seja o homem o mais parecido com Deus ao máximo:

O que faz precisamente com que eu seja de todos os seres criados aquele que possui o máximo de realidade e, por consequência, o mais alto grau de semelhança com Deus, é que eu sou, enquanto homem, o único dentre aqueles seres a ter a ideia de Deus, isto é, sou o único a ter no meu entendimento o infinito, o próprio perfeito sob a forma da realidade objetiva. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 306).

Para Descartes, o já afirmar que Deus me criou é crível o suficiente para que ele me produzisse à sua imagem e semelhança. (Cf. DESCARTES, 1973b, p. 120). E ao sermos a única criatura a termos a ideia de Deus faz com que de fato, que para Descartes tenhamos o mais alto grau de semelhança com Deus. Contudo essa

semelhança difere-se da semelhança perfeita (Deus). Trata-se da semelhança entre mim mesmo (finito e imperfeito) com minha causa criadora (infinita e perfeita).

Desse modo, fica muito claro que o meu ser é criado por Deus. O meu ser é obra e criatura de Deus. A minha existência se deve ao fato de Deus ter me criado e não ao fato da minha existência ter sua origem em mim mesmo, em meus pais ou quaisquer outras causas. Na medida em que sou obra e criatura de Deus, eu sou dependente desse meu criador. Segundo Descartes, quando reflito sobre o meu ser, eu conheço que sou uma criatura “imperfeita, incompleta e dependente de outrem”. (DESCARTES, 1973b, p. 120). Esse outro ser do qual o meu ser é dependente é Deus, e esse Deus é perfeito, é completo e é independente de qualquer outro ser. Graças a minha inteligência posso conhecer que Deus existe, que ele é infinito e, portanto, Deus não é totalmente incompreensível e incognoscível para mim.

Minha inteligência é capaz de me fazer conhecer, não simplesmente que Deus existe, mas o que ele é, ele que existe. Graças a minha inteligência, sei que Deus é infinito e que não o posso abraçar ou compreender, mas posso muito bem entendê-lo, pois conheço clara e distintamente várias propriedades dele. Longe, portanto, de tornar Deus incognoscível para mim. A incompreensibilidade, que envolve de qualquer modo certa limitação necessária do meu conhecimento eu não poderei jamais esgotar o infinito, tendo dele um conhecimento adequado, isto é, completo. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 239).

O meu ser finito não conhece tudo sobre o ser infinito¹⁵ (Deus). Existem muitas coisas de Deus que para o meu ser são incompreensíveis. No entanto “a incompreensibilidade de Deus não é de modo algum sua incognoscibilidade, visto que Deus não é apenas conhecido, mas é de todas as coisas o mais conhecido”. (Idem, p. 270). Assim como o conhecimento da alma é superior ao do corpo conforme vimos no capítulo 1 especificamente no subtópico 1.6, o conhecimento de Deus é também superior ao conhecimento da alma.

O conhecimento de Deus é o mais certo, mais claro e distinto, mais evidente, mais rico, mais imediato e mais fácil que aquele de minha alma. O conhecimento de Deus tem sobre o conhecimento da alma

¹⁵ Importante considerar que o infinito é uma qualidade, a qual só compete a Deus. Como não conhecemos a finalidade do agir divino, eles são indefinidos para nós.

a mesma vantagem que o conhecimento da alma tem sobre aquele do corpo, e sua prioridade em relação ao conhecimento da alma se estabelece pelos mesmos argumentos gerais que aquele da alma em relação ao conhecimento do corpo. (Ibidem).

Assim, tenho conhecimento de Deus. Mas esse conhecimento é limitado, pois é conhecimento de um ser infinito. Desse ser infinito jamais poderei ter conhecimento pleno. Por meio de toda essa explicação sobre do autor da minha existência, fica provada a existência de Deus, já que Deus é o ser que é o autor do meu ser e da minha existência. Assim sendo, fica provado também à existência do corpo como já foi visto no subtópico 3.2. A existência está ligada a um corpo físico e material e esse corpo físico e material é obra e criatura de Deus como já foi visto nos parágrafos acima.

Desse modo, não se tem mais dúvida de que quem possui “o poder de produzir todas as coisas que sou capaz de conhecer com distinção” (idem, p.137) é Deus. Já foi analisado anteriormente que o autor da minha existência não pode ser outra coisa a não ser Deus. Depois de provar o autor da minha existência, Descartes parte para a prova da existência das coisas materiais.

Já sabendo que Deus me criou, posso afirmar que Deus me criou não com o propósito de me enganar, pois senão os atributos de Deus ficariam comprometidos. Com isso, a minha existência é algo certo, não pode mais ser colocada em dúvida. Se eu existo, com certeza procurarei pensar agora que junto com a minha existência eu tenho “cabeça, mãos, pés e todos os outros membros de que é composto este corpo”. (idem, p.139).

Segundo Descartes, o meu ser pensa que essa reunião de membros, ou seja, o meu corpo me pertence mais do que qualquer outro corpo. Isso porque ele não pode “ser separado dele como dos outros corpos [...]”. (idem, p.140). Também, é no meu corpo que sinto todos os meus apetites, todas as minhas afecções, todo sentimento de prazer e dor e não em outro corpo que é separado dele.

A partir dessa concepção, de um lado fica concluído que sou um ser que pensa, ou seja, tenho uma alma. Essa alma é pensamento puro e nada mais. Disso

não se tem dúvida à medida que se pode conceber esse pensamento ou essa alma com clareza e distinção. Essa alma não pertence à matéria e se não pertence à matéria, não possui nenhuma extensão.

Por outro lado, “tenho uma ideia distinta do corpo [...]”. (idem, p.142). Se tenho uma ideia distinta, a sua existência é verdadeira. Já o corpo é matéria e se é matéria possui extensão. Essa extensão, ou seja, essa matéria que é o corpo não pensa, pois quem possui a faculdade de pensar é a alma. Assim sendo, por enquanto, Descartes afirma que “é certo que este eu, isto é minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta do meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele¹⁶.” (AT IX-1 62. DESCARTES, 1973 b. p. 142).

Segundo Descartes, há sensações de fome, de sede, de dor e outros na natureza do meu corpo. Também há outros corpos e entre esses corpos devo me aproximar de uns e rejeitar outros. Quando Descartes se refere as sensações do corpo, como as de fome, dor e outras, Descartes está querendo nos mostrar que essas sensações “nada são exceto maneiras confusas de pensar que provêm e dependem da união e como que da mistura entre o espírito e o corpo”. (GUEROULT, (1953), 2016, p.144).

Isso porque essas sensações de fome, sede e dor se apresentam a nós sem o nosso consentimento. Elas de alguma maneira se relacionam à alma. Desse modo, quando se sente sede, fome e dor, pode-se considerar que essas sensações são maneiras confusas da relação corpo e alma. Importante destacar que Descartes não concebe ainda a verdadeira união da alma e do corpo. Pode-se dizer que Descartes ainda permanece meio que confuso dessa união. Descartes só terá a certeza de que a alma está verdadeiramente unida ao corpo em sua última obra escrita¹⁷, onde ele afirma claramente que sou composto de corpo e alma.

Até aqui, Descartes considera a alma e o corpo separados. Descartes por enquanto pensa desse modo porque para ele o sentimento de dor em qualquer parte

¹⁶ Em sua última obra escrita, as *Paixões da Alma*, Descartes afirma que a alma está unida ao corpo. Observar-se-á essa conclusão de Descartes no subtópico 3.5, ainda nesse capítulo na parte final.

¹⁷ As *Paixões da Alma*

do membro do corpo, fica restrito somente naquele membro, e não em todo o corpo. Com isso Descartes pensa na possibilidade de conceber a divisibilidade do corpo. Se o corpo não fosse divisível, a dor de um determinado membro do corpo se espalharia por todo o corpo, pois sendo indivisível o corpo seria uno e se fosse uno tudo que um membro sentia os outros sentiriam. Portanto, Descartes concebe a divisão do corpo e até aqui, ele pensa que o corpo e alma são distintos e separados.

Mas a distinção do corpo e da alma ainda não é algo definitivo para Descartes, pois essa distinção não se dá com clareza e distinção, e tudo aquilo que não se apresenta com clareza e distinção não podem ser dados como verdadeiro. Na obra *Objeções e Respostas*, Descartes confirma claramente que a distinção do corpo com a alma ainda não é clara: ver-se-á o que ele diz:

[...] tememos que não haveis ainda provado suficientemente a distinção que existe entre alma e o corpo do homem, [...] à qual acrescentamos que não parece seguir-se, dessa distinção da alma com o corpo, que ela seja incorruptível ou imortal; pois quem sabe se sua natureza não é limitada pela duração da vida corporal, e se Deus não mediu de tal maneira suas forças e sua existência, que ela finde com o corpo? (DESCARTES, 1973c, p.159).

Em *Objeções e Respostas*, Descartes vai tentar encontrar respostas para as coisas que não ficaram tão claras e evidentes nas meditações. Nessa obra, Descartes tenta também solucionar o problema da distinção entre o corpo e alma.

Na obra *as Paixões da Alma*, Descartes diz claramente que o corpo não possui a função de pensar, quem possui essa função é alma. Nas *Objeções e Respostas* Descartes dá o exemplo de um argumento dizendo por que o corpo não é digno do pensamento. Tal argumento diz o seguinte: “tudo o que pode pensar é espírito, ou se chama espírito. Logo, nenhum corpo pode pensar”. (idem, p.163). Se o corpo não pode pensar, não pode entender e não pode imaginar, então todas essas funções ficam restritas à alma. Os sentidos, que estão ligados ao corpo, podem levar a conhecer ou até mesmo a sentir algo, mas tudo o que se apresenta aos sentidos não pode ser considerado verdadeiro, pois os sentidos enganam.

(...) a percepção sensível é passível de dúvida. É o pensamento que garante a percepção. Isso se deve ao fato de que é o

pensamento que propriamente conhece, e não os sentidos ou a imaginação. E se é o pensamento que propriamente conhece então a coisa mais fácil manifesta de se conhecer é o próprio pensamento e todas aquelas coisas que lhe são apresentadas diretamente (via intuição intelectual) e, em contrapartida, as coisas mais difíceis e obscuras de se conhecer são aquelas que lhe são dadas indiretamente por meio dos sentidos, que parecem ser exteriores ao pensamento e de natureza distinta dele. (FORLIN, 2005, p. 215).

Tal é a prova que os sentidos enganam que Descartes (1973b, p.104) na *meditação segunda* toma como exemplo um pedaço de cera. Esse exemplo já foi visto no capítulo I no subtópico 1.6. Para lembrá-lo, segundo Descartes, a cera se apresenta aos sentidos de várias maneiras e, se apresenta de várias maneiras aos sentidos, eles não podem distinguir com clareza e distinção de que maneira a cera se apresenta. Se não pode distinguir com clareza e distinção o que é a cera, fica provado que os sentidos enganam. Daí que os corpos “não são propriamente conhecidos pelos sentidos, mas só pelo entendimento”. (idem, p.163).

Os sentidos não podem conhecer com clareza e distinção as coisas, como por exemplo, os sentidos não podem conhecer a cera como mostrado no parágrafo acima. Isso porque “a natureza do corpo encerra muitas imperfeições”. (idem, p.167). Um exemplo que Descartes utiliza para mostrar a imperfeição do corpo é a sua divisibilidade em várias partes. Descartes diz que o que é indivisível é muito mais perfeito do que aquilo que é divisível.

Falando ainda do corpo e do espírito, Descartes alerta que “o conhecimento natural nos ensina que o espírito é diferente do corpo”. (idem, p.175). Esse espírito não é matéria, enquanto o corpo é matéria. Essa é uma das diferenças. Outra diferença é que o corpo possui vários membros, sendo assim divisível. Já o espírito é substância, tal substância como já foi analisada anteriormente é una e indivisível.

Partindo da distinção entre corpo e substância, Descartes analisa como se dá a morte da substância. Ao analisar a morte dessa substância Descartes não fala do aniquilamento do espírito. Para Descartes o espírito é imortal. Mas o corpo humano pode facilmente perecer.

(...) o corpo humano, na medida em que difere de outros corpos, é apenas formado e composto de certa configuração de membros e de outros acidentes similares; a alma humana, ao contrário, não é nunca assim composta de acidentes, mas é pura substância... de onde se segue que o corpo humano pode facilmente perecer, mas que o espírito e a alma do homem (não distingo alma de espírito) é imortal por sua natureza. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 131).

Em sua própria obra *Objeções e Respostas* Descartes conclui que:

[...] não dispomos mesmo de qualquer argumento nem exemplo que nos possa convencer de que há substâncias sujeitas do aniquilamento. O que basta para concluir que o espírito, ou a alma do homem, na medida em que isso pode ser conhecido pela Filosofia natural, é imortal. (DESCARTES, 1973b, p. 175).

Portanto, para Descartes não existe aniquilamento de substância¹⁸ ou morte do espírito. O espírito é eterno, é imortal e a respeito disso não deve existir nenhuma dúvida. Para chegar a essa conclusão Descartes sofreu influências dos pensadores antigos que contribuíram com o modo que Descartes aborda a relação corpo e alma. Na sequência vamos analisar como a alma era entendida por Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino e como esse entendimento possui convergências e divergências no pensamento cartesiano relacionado ao corpo e a alma.

3.4 – Divergências e convergências da concepção de alma em Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino em relação a Descartes¹⁹.

Descartes ao sofrer influências do pensamento filosófico platônico se apoiou em alguns aspectos de sua teoria para abordar a relação corpo e alma. Pode-se perceber claramente isso quando Descartes afirma que o homem é um ser dual composto de corpo e alma. Importante recordar que na antiguidade é a alma que

¹⁸ Descartes afirma na obra *Objeções e Respostas* (AT IX-1, p. 73) que substância é entendida como sendo uma coisa completa. “Eu não ignoro o fato de que algumas substâncias são popularmente chamadas substâncias incompletas. Mas se elas são ditas incompletas porque não podem existir por elas mesmas (...) eu confesso que me parece contradição que sejam substâncias”.

¹⁹ O objetivo aqui não é jamais esgotar o pensamento desses autores sobre a concepção corpo e alma, mas mostrar somente as divergências e convergências em relação a Descartes.

determina a diferença entre o homem vivo e o cadáver. Entende-se que vida é a aceitação da entrada da alma no corpo, e morte, a sua saída. É a posse de uma alma que separa os animais, as plantas e os homens de um lado e do outro pedras e construções como, por exemplo, casa. A antiguidade enfatiza fortemente a relação vida-alma com os elementos ar, respiração e calor.

Descartes é influenciado por esse pensamento, mas ao mesmo tempo estabelece uma nova compreensão da relação corpo e da alma. Para ficar mais evidente, veremos primeiramente como os principais filósofos antigos (Platão e Aristóteles) explicavam a relação entre corpo e alma e como essa explicação é abordada de um modo diferente em Descartes.

Pode-se afirmar que Platão²⁰ foi o grande filósofo da alma, pois estabeleceu uma compreensão sobre a mesma que é base para toda filosofia ocidental. Platão, como se sabe, fala de um mundo perfeito e inteligível. Tal mundo é o mundo das ideias. Para ele é nesse mundo que a alma imortal e divina permanece. O outro mundo, o sensível, tem como principal característica os seres sensíveis e materiais. O mundo sensível é uma cópia, uma sombra, um reflexo do mundo inteligível. As verdadeiras coisas estariam no mundo inteligível. Desse modo a alma permanece no mundo inteligível e o corpo no mundo sensível. Platão apresenta isso no diálogo Fédon afirmando que

(...) se assemelha (a alma - ψυχή) ao que é divino, imortal, dotado de capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade: o corpo (σώμα), pelo contrário, equipara-se ao que é humano, mortal, multiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico²¹.

De acordo com essa citação, percebe-se que Platão apresenta claramente uma distinção entre corpo e alma. Esta se assemelha ao divino, é imortal e tem capacidade de pensar. Aquele é mortal, preso ao mundo material e desprovido de

²⁰ Viveu entre os anos de 428/427 – 347 a.C. É o fundador da metafísica ocidental, fundador da Academia de Atenas e autor de 24 diálogos.

²¹ Fédon 80b. PLATÃO. Diálogos: O banquete – Fédon – Sofista – Político. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2ª ed. São Paulo: Abril cultural, 1983, p. 84.

inteligência. Como o mundo sensível é entendido por Platão como sendo contraposto ao mundo inteligível, então o corpo é contraposto à alma. Portanto o corpo tem suas funções e a alma suas próprias funções. A partir disso Platão faz uma divisão da alma estabelecendo as suas funções.

Na obra a *República* (1959) ²², Platão concebe a alma como sendo divisível em três partes: alma racional, alma concupiscível e alma irascível. A alma racional é a mais elevada e está superior à alma concupiscível e irascível. Sendo a alma racional a mais elevada, consequentemente ela é imortal. Já a alma concupiscível e irascível é considerada por Platão como sendo mortal.

Feita essa divisão, Platão estabelece uma virtude para cada parte da alma. Essa virtude tem como principal finalidade ajudar a alma a buscar a perfeição. A virtude que deve ser aplicada à alma racional é a sabedoria ou a prudência. A temperança é outra virtude, mas esta deve ser aplicada à alma concupiscível. Já a coragem é outra virtude que deve ser aplicada à alma irascível.

Foi visto até agora as virtudes particulares, isto é, as virtudes que cada alma possui. Porém as três almas possuem uma virtude comum a todas elas. Tal virtude é a justiça cuja finalidade é fazer que cada parte da alma exerça sua função da melhor maneira possível. Essa é a concepção platônica sobre a alma.

Descartes contrapondo Platão não estabelece virtudes para a alma. Enquanto Platão afirma que a alma possui virtudes, Descartes mostra que a alma possui paixões. Tais paixões têm como principal finalidade guiar o corpo conduzindo-o a viver uma vida que esteja em harmonia com todos os seres, como foi abordado no capítulo II e visto detalhadamente toda a questão referentes as paixões da alma.

Ainda contrapondo Platão, Descartes mostra que o corpo é divisível e a alma é indivisível. A alma concebe o corpo em partes separadas, ou seja, em partes que podem ser facilmente divididas como, por exemplo, a mão e o pé, o braço e a perna. Assim irá acontecer com todas as coisas corpóreas, com todas as coisas extensas.

²² Livros terceiro, quarto, nono e décimo.

Através do meu pensamento, eu faço todas essas coisas em partes. Já o meu espírito, “isto é, eu mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa que pensa, não posso aí distinguir partes algumas, mas me concebo como uma coisa única e inteira”. (DESCARTES, 1973b, p.147).

Sendo o corpo divisível (cf. AT VII 86) e o espírito indivisível como mostrado acima, Descartes diz que isso bastaria para considerar que a alma do homem é diferente do corpo. Na parte final da meditação sexta, Descartes ainda apresenta argumentos a fim de mostrar que o corpo é divisível e a alma não.

[...] o espírito não recebe imediatamente a impressão de todas as partes do corpo, mas somente do cérebro, ou talvez mesmo de uma de suas menores partes [...] a natureza do corpo é tal que nenhuma de suas partes pode ser movida por outra parte um pouco distanciada [...]. (idem, p.148).

Segundo Jordino Marques, “Descartes é dualista como Platão, mas não entende a alma como princípio da vida” (MARQUES, 1993, p.85) e nem concebe a divisão da alma como Platão concebeu. A alma é entendida por Descartes como pensamento e esse pensamento não é responsável pela vida do corpo. O que é responsável pela vida no corpo são as funções do próprio corpo. Tanto é assim que quando as funções do corpo param de funcionar o corpo morre. Mas tal morte provém do próprio corpo que se corrompe (degenera) e não da alma como já foi visto no capítulo I especificamente no subtópico 1.1.

Vista a concepção platônica sobre a alma e que Descartes discorda dessa concepção, veremos agora a concepção aristotélica. Aristóteles²³, diferentemente de Platão, apresenta o conjunto do problema num tratado específico denominado *De anima*, onde parte da análise da alma como princípio de vida de todos os seres. Assim, seu estudo torna-se muito mais aprofundado, organizado e sistemático. Interessante considerar que, se por um lado Aristóteles discorda de Platão em relação à visão dualista, em que a alma pode existir separada do corpo, por outro, recupera a visão tripartida da alma sustentada por seu antecessor.

²³ Filósofo grego nascido em Estagira entre os anos de 384/383. É o fundador da escola peripatética. Foi discípulo de Platão e morreu em Atenas no ano 322 a.C.

No pensamento aristotélico também se encontra as três funções da alma. Mas essas funções são diferentes da concepção platônica. Na concepção aristotélica, tem-se a alma intelectiva, sensitiva e vegetativa. A intelectiva é responsável pelo pensamento, a sensitiva pela locomoção e a vegetativa pelo crescimento e nutrição. Aristóteles define alma como sendo a forma do corpo. Diferentemente, Descartes define a alma como sendo tudo aquilo que está relacionado ao pensamento. De acordo com o pensamento aristotélico a alma é tripartida. Para Descartes a alma é única e é concebida como sendo princípio de pensamento ou consciência.

Enquanto Aristóteles concebe a alma vegetativa referente aos vegetais e a alma sensitiva referente aos animais, Descartes diz que o crescimento dos vegetais bem como as percepções sensíveis, a reprodução e o movimento dos animais são causados pelas leis presentes na natureza e não pela alma. Desde o ano 1630 Descartes já possui sua Física bem desenvolvida discordando de Aristóteles. Já nesse período, a Física cartesiana,

(...) fundada exclusivamente na extensão, ou matéria, e no movimento de suas partes, que elimina também todas as concepções de caráter animista correntes na física e na fisiologia aristotélicas. Nada de alma nutritiva ou vegetativa, nem de faculdade pulsífica, nem de faculdades situadas em cada parte do corpo que escolheriam e atrairiam as partes do alimento que lhe são próprias. (TEIXEIRA, 1990, p. 155-56).

Fica claro que Descartes quando parte de elementos da biologia tradicional, distancia-se deles e reinterpreta-os a luz de sua Física. Quando Descartes parte de concepções tradicionais seu objetivo é modificá-las e adaptá-las ao seu próprio sistema. Descartes possui claro consigo que o homem não é uma simples máquina, não é um simples animal, mas um complexo de corpo e alma.

No final da quinta parte do *Discurso de Método*, Descartes se preocupa em tratar que o homem é diferente dos animais e dos vegetais. Essa diferença consiste que a alma do homem é diferente da alma dos animais e dos vegetais. A alma que se faz mais presente no homem é a racional. Já a que se faz presente nos animais e nos vegetais é a alma sensitiva e vegetativa. Para Aristóteles, o que dá vida e

movimento aos animais e as plantas é a alma sensitiva e vegetativa. Já para Descartes, a vida e o movimento nos animais e nas plantas são funções da natureza e não da alma. O corpo humano está sempre unido a uma alma, e tal alma é una. “(...) não existe em nós senão uma alma, sem partes diferentes.” (ALQUIÉ, 1969, p. 129).

Para Descartes como também, para Aristóteles a verdadeira alma para o homem é a alma racional, pois é essa pela qual a alma conhece (γνωρισκεῖν) e entende (φρονεῖν)²⁴. Segundo Descartes, as almas vegetativa e sensitiva quando referidas ao corpo humano não devem ser consideradas como alma, já que essas possuem um gênio inteiramente diferente ao da alma racional.

A alma racional [...] não pode ser de modo algum tirada do poder da matéria [...], e como não basta que esteja alojada no corpo humano, assim como um piloto em seu navio, exceto talvez para mover seus membros, mas que é preciso que esteja junta e unida estreitamente com ele para ter, além disso, sentimentos e apetites semelhantes aos nossos, e assim compor um verdadeiro homem. (DESCARTES, 1973a, p.69 -70).

Descartes encerra a diferença da alma humana com a alma dos animais dizendo que as duas possuem naturezas diferentes e por possuírem naturezas diferentes também possuem um final diferente. A alma dos animais depois dessa vida nada pode esperar a não ser “moscas e formigas”. (DESCARTES, 1973a, p.70), pois são dependentes do corpo. Já a alma humana não depende do corpo e por isso “não está de modo algum sujeita a morrer com ele [...] somos naturalmente levados a julgar por isso que ela é imortal.” (ibidem).

Foi analisada que a concepção platônica e aristotélica da alma é diferente da concepção cartesiana. Alma para Descartes é pensamento. A alma se relaciona com o corpo através de uma glândula que fica no cérebro. Veremos a seguir a concepção de alma em Tomás de Aquino e como Descartes aborda essa concepção.

²⁴ Cf. De anima 429a 10.

Platão e Aristóteles, grandes pensadores da Antiguidade, também foram os principais influenciadores da filosofia escolástica²⁵ na qual Descartes foi educado. Um dos principais representantes da escolástica é Tomás de Aquino que concebe o homem como sendo um composto de alma e corpo. A antropologia tomista concebe o homem através da unidade substancial.

Descartes segue esse pensamento tomista afirmando que o homem é composto de duas substâncias²⁶: corpo e alma. Importante considerar que a tradição filosófica entende que a alma é toda inteira unida ao corpo. Descartes não se desvia dessa tradição. Na sexta meditação metafísica pode-se observar que o pensamento cartesiano se mantém em sintonia com essa tradição quando afirma: “(...) quando considero meu espírito, isto é, eu mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa que pensa, não posso aí distinguir partes alguma, mas me concebo como uma coisa única e inteira”. (DESCARTES, 1973 b, p. 147). Para Descartes é essencial que a alma esteja unida estreitamente ao corpo e não esteja alojada no corpo como um piloto no navio. Na sexta meditação metafísica Descartes afirma:

A natureza me ensina também, por esses sentimentos de dor, fome, sede, etc., que não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo. (AT VII 84. DESCARTES, 1973 b, p. 144).

Na obra *As Paixões da Alma*, Descartes também afirma que a alma está toda unida ao corpo. Veremos essa afirmação cartesiana de modo mais amplo e detalhado no próximo subtópico. Tal concepção de Descartes vem da posição tomista que pode ser encontrada na *Suma contra os gentios*²⁷. Para Santo Tomás

²⁵ Fusão complexa das doutrinas filosóficas de Aristóteles com as exigências da teologia cristã (Tomás de Aquino com suas duas grandes sínteses: *Suma Theologiae* e a *Summa contra Gentiles* foi o mais famoso e completo expoente).

²⁶ Somente Deus pode ser considerado uma substância, se por substância entendemos uma coisa que existe de tal maneira que só tem necessidade de si própria para existir. Tanto a *res cogitans*, quanto a *res extensa*, dependem de Deus para existir. No entanto, num sentido secundário de “substância” – aquilo que não necessita de qualquer outra coisa para existir, a não ser Deus – a alma e o corpo podem ser considerados substâncias. Assim, dizemos que a *res cogitans* e a *res extensa* são as únicas substâncias dentre as coisas criadas por Deus.

²⁷ Obra escrita por Santo Tomás de Aquino (1225 - 1274) nos seus últimos anos de vida terrena, quando sua filosofia já estava suficientemente constituída e sua personalidade manifestava experiência e maturidade intelectual.

de Aquino, a alma é a forma substancial do corpo. Tomás mostra uma conexão entre corpo e alma e por meio dessa conexão pode-se dizer que o corpo e a alma formam uma unidade. (AQUINO, 1999, Cap. V. § 97). Essa unidade é composta por corpo e alma, pois, a alma e o corpo só estarão em pleno ato quando corpo e alma estiverem unidos.

(...) a alma se une ao corpo tanto pelo bem que é a sua perfeição substancial, ou seja, para que com isso a espécie humana é completada, como pelo bem que é a sua perfeição accidental, ou seja, porque com isso se perfaz o conhecimento intelectual, que se dá através dos sentidos. Pois este é o modo de inteligência natural ao homem²⁸. (AQUINO, 2014, p. 49).

Descartes rejeita essa concepção tomista aristotélica de união no sentido hilomórfico, visto que a união corpo e alma não consistem numa única substância onde a alma e o corpo são complementares, sendo a alma a forma substancial inerente ao corpo, mas, em vez disso, trata-se de união entre duas substâncias cujas propriedades essenciais se repelem. Tendo em vista a solução tomista para o problema da união corpo e alma, segundo a qual o corpo e a alma formam uma única substância, Descartes mostra que alma e corpo são duas substâncias completas e excludentes.

Descartes afirma a tese de que a cada substância pertence apenas um único atributo. Para Descartes a tese escolástica segundo a qual o corpo e a alma humana seriam substâncias incompletas que se complementam não tem sentido: o corpo seria incompleto porque sendo apenas potência só existiria em virtude de sua forma substancial, a alma. A alma seria incompleta na medida em que sua parte racional, sendo potência, só é ativada na operação do conhecimento que, por sua vez, supõe o corpo. Ao referir-se a essa tese Descartes visa mostrar que é da natureza das substâncias que elas mutuamente se excluam, o que sugere que sua rejeição à solução tomista da questão da união corpo e alma no sentido hilomórfico supõe a tese da exclusão mútua dos atributos principais.

²⁸ "(...)anima unitur corpori et propter bonum quod est perfectio substantialis, ut scilicet compleatur species humana; et propter bonum quod est perfectio accidentalis, ut scilicet perficiatur in cognitione intellectiva, quam anima ex sensibus acquirit; hic enim modus intelligendi est naturalis homini". *Q. De anima*, q. 1, ad 7. AQUINO, Tomás de. *Questões disputadas sobre a Alma. Op. cit.*, p. 49.

Importante ficar claro que para Descartes mente e corpo são coisas completamente distintas à medida que eventos mentais e eventos físicos podem ocorrer independentemente uns dos outros. Assim, tem-se duas instâncias completamente distintas: o corpo, governado por leis mecânicas, e a mente, pela vontade, livre, capaz de elaborar suas próprias leis. Uma física, outra imaterial; uma espacial, outra não-espacial; uma extensa e não pensante, outra pensante e não-extensa. A diferença de natureza entre estas duas substâncias enraíza o problema mente-corpo na doutrina de Descartes, configurado como dualismo cartesiano. Esse dualismo diz respeito à tese de que o ser humano é composto por duas substâncias: a mente e o corpo, sendo suas essências completamente distintas – o pensamento, no caso do espírito, e a extensão, no caso do corpo. Conclui-se, portanto, que para Descartes alma e corpo são duas substâncias distintas. Porém, essas substâncias estão unidas ou separadas?

3.5 – Alma e corpo: unidos ou separados²⁹?

Importante enfatizar que explicar a relação entre corpo e alma no sistema cartesiano foi uma das maiores dificuldades de Descartes. Ele considera a alma unida ao corpo apesar de ter sustentado a tese dualística que argumenta a distinção entre corpo e mente. Como então é possível que, embora Descartes sacralize a distinção corpo-mente, ele mesmo caracterize o ser humano, na “Sexta Meditação” e em outros escritos, como uma união substancial entre corpo e alma? Como é possível que duas naturezas diferentes possam estar unidas e, mais do que isso, que possam comunicar-se, interagir, operar uma sobre a outra? Eis uma das questões mais difíceis no contexto cartesiano, já apontada pela princesa Elisabeth, em sua correspondência com Descartes, e desde então discutido por muitos pesquisadores.

A doutrina cartesiana procura defender a noção da “união substancial” entre corpo e alma. Segundo esta, corpo e espírito estão unidos no ser humano, de modo

²⁹ A ideia de união e separação da alma com o corpo está no centro do pensamento cartesiano no que se refere a sua filosofia e antropologia.

que há uma relação, uma “mistura” entre eles. Para Descartes, corpo e espírito não estão apenas justapostos; eles formam uma totalidade: o ser humano é uma unidade, cujas substâncias integrantes agem uma sobre a outra, de forma que as experimentamos sem delimitações precisas, ou seja, como um único todo. Assim, o homem é uma unidade: alma e corpo interagem formando um único indivíduo. O ser humano é, segundo Descartes, de fato, uma unidade substancial. A alma é consciente de sua união com o corpo e há na alma um conhecimento natural pelo qual ela conhece que os sentimentos não provêm dela enquanto coisa pensante, mas enquanto unida ao corpo, movendo-se segundo a disposição de seus órgãos.

Apesar de Descartes afirmar que a alma está unida ao corpo, alguns pensadores consideram a explicação dessa união como sendo mistério. Isso porque Descartes define alma e corpo como sendo não só distintos, mas mutuamente incompatíveis.

Normalmente, Descartes defende que as transações causais requerem uma similaridade entre causa e efeito; mas, no caso da mente e do corpo, isso é totalmente impossível, dado o abismo lógico que existe entre eles (definidos como são por Descartes em termos de atributos logicamente incompatíveis). (COTTINGHAM, 1986, p.162).

A existência de duas substâncias completamente distintas e a relação entre duas coisas metafisicamente distintas não é algo simples de explicar. O próprio Descartes numa carta dirigida a princesa Elisabeth no dia 28 de junho do ano 1643 reconhece essa obscuridade:

Mas julguei que foram essas meditações, mais do que os pensamentos que requerem menos atenção, que a levaram a encontrar obscuridade na noção que temos da união deles, não me parecendo que o espírito humano seja capaz de conceber bem distintamente, e ao mesmo tempo, a distinção entre o corpo e a alma e sua união; isto porque é necessário, para tanto, concebê-los como uma única coisa, e conjuntamente concebê-los como duas, o que se contraria. (DESCARTES, 1973 d, p.314).

Assim, a união corpo e alma não pode ser concebida clara e distintamente pois não é algo evidente do ponto de vista da razão. “Essa união entre duas

substâncias metafisicamente incompatíveis não é certamente algo que se possa compreender clara e distintamente como exigiria o método”. (SILVA, 1993, p. 76). Essa relação corpo e alma é algo que o entendimento pode apenas perceber com confusão e obscuridade.

Apesar da obscuridade, afirma-se que a alma está unida ao corpo. Lívio Teixeira que em sua obra *Ensaio sobre a Moral de Descartes*, afirma claramente que:

A alma está unida a todo o corpo, não se podendo dizer, portanto, que ela esteja em uma parte com exclusão das outras [...]. Isso, contudo, só pode ser entendido da seguinte maneira: o corpo é um organismo, e mesmo um mecanismo, em que cada uma das partes funciona em harmonia com todas as outras; esta harmonia do corpo deve ser assegurada por um órgão chave do qual dependem os movimentos de todos os outros [...]. O órgão que apresenta as condições necessárias para a realização desse processo não pode deixar de ser a glândula pineal, a conarion, e isso porque esta é a única parte do cérebro que não é dupla, mas uma [...]. Segue-se, pois, que a alma tem a sua ‘sede principal’ na glândula pineal. Isso significa que a glândula pode transmitir à alma os movimentos nela causados pelas impressões que vêm dos sentidos, bem como que ela, a glândula, pode ser movida pela alma e esse movimento repercutir no corpo todo através dos espíritos lançados numa direção ou outra em consequência desse movimento da glândula. (TEIXEIRA, 1990, p.173-4).

Para Descartes, é por meio da glândula pineal localizada no cérebro que a alma recebe a impressão de todas as partes do corpo. É igualmente por meio dessa glândula que a alma sente alguma coisa. Por exemplo, ao sentir dor em alguma parte do corpo, essa dor é sentida pela alma através da glândula pineal. Essa explicação de Descartes é pouco metafísica, pois ela não diz respeito da união possível de uma parte do indivisível com um divisível, o que está acima do nosso entendimento.

Percebe-se que Descartes se preocupa em sua última obra escrita em estabelecer uma explicação psicofísica para falar da relação de união entre corpo e alma. Essa explicação dos mecanismos que condicionam a união mais particular da alma com uma parte específica do corpo conclui o pensamento geral que Descartes estabeleceu para tratar a união entre alma e corpo. Em sua última obra *As Paixões*

da *Alma*, Descartes afirma que a alma está verdadeiramente unida ao corpo todo, pois o corpo é uno:

[...] é necessário saber que a alma está verdadeiramente unida ao corpo todo, e que não se pode propriamente dizer que ela esteja em qualquer de suas partes com exclusão de outras, porque o corpo é uno e de alguma forma indivisível, em virtude da disposição de seus órgãos, que se relacionam de tal modo uns com os outros que, quando algum deles é retirado, isso torna o corpo todo defeituoso; e porque ela é de uma natureza que não tem qualquer relação com a extensão nem com as dimensões ou outras propriedades da matéria de que o corpo se compõe, mas apenas com o conjunto dos seus órgãos, como transparece pelo fato de não podermos de maneira alguma conceber a metade ou um terço de uma alma, nem qual extensão ocupa, e por não se tornar ela menor ao se cortar qualquer parte do corpo, mas separar-se inteiramente dele quando se dissolve o conjunto de seus órgãos. (DESCARTES, 1987b, p.88).

Em conformidade com a unidade e a indivisibilidade do ser humano, o corpo não poderia se dividir em duas partes nas quais uma seria uma extensão misturada com a alma e outra pura extensão que a alma não penetraria. “Por causa de sua unidade indivisível, meu corpo só pode ser inteiro e (...) não há nenhuma de suas partes que não seja penetrado pela alma”. (GUEROULT, (1953), 2016, p. 676). Assim, observa-se que a alma está unida ao corpo todo, e que essa alma não possui nenhuma extensão. Não possui extensão não porque o corpo lhe tira essa propriedade, mas porque não possuir extensão é próprio de sua natureza.

O que se sabe, portanto é que para Descartes a alma está unida ao corpo. Porém Descartes não apresenta nenhuma explicação racional detalhada de como se dá essa união. Para ele a explicação dessa união é um fato racionalmente inconcebível, inexplicável, a não ser pela vontade de Deus. Acerca da união da alma ao corpo, não se tem ideias claras e distintas. A única ideia clara e distinta que podemos ter a respeito da união da alma com o corpo é que se constitui exatamente um plano de ideias confusas como já foi mencionado e explicado no capítulo primeiro especificamente no subtópico 1.6.

E, desse modo, tem-se a relação do corpo com a alma. A alma relaciona-se com o corpo simplesmente por vontade de Deus e através da glândula pineal que

está alojada no cérebro. A partir dessa glândula a alma está unida a todo o corpo, de modo que não se pode dizer que ela está em uma parte e não está em outra. Assim sendo, a alma unida ao corpo, o conduz a viver uma vida boa, equilibrada e em harmonia com todos os seres.

CONCLUSÃO

Compreender a concepção cartesiana de como se dá a relação corpo e alma foi o objetivo geral dessa pesquisa. Verificou-se que tal relação é bastante complexa e até hoje em nossa época de contemporaneidade entender racionalmente essa explicação continua sendo um desafio. No decorrer desse trabalho, constatou-se que Descartes afirma que o homem é um ser dual composto de corpo e alma. Através dessa afirmação nota-se que Descartes sofreu influências do pensamento antigo, principalmente do pensamento platônico. Mas apesar disso, nem todas as vezes Descartes está de acordo com tal pensamento. Desse modo ele chega a romper com esse pensamento, o supera, e apresenta uma nova explicação para a relação corpo e alma.

A alma para Descartes como foi analisada pode ser definida como sendo tudo aquilo que está relacionado com o pensamento. A alma é denominada por ele como a parte do homem que lhe fornece a possibilidade de pensar e estar no mundo. Além de pensamento, a alma também pode ser definida como entendimento puro vinculado à imaginação. Esse entendimento puro é metafísico e sua principal função é permitir que a noção de alma seja familiar. Sabendo que a alma é pensamento, dir-se-á que esse pensamento de certa maneira pode mover o corpo. E para Descartes, ela move o corpo conduzindo-o a praticar uma ação ética que futuramente trará a felicidade.

Com essa definição e entendimento Descartes discorda do pensamento antigo, especificamente do pensamento platônico que define a alma como sendo princípio de vida. Para Descartes o que transmite vida para o corpo são as funções do próprio corpo e não a alma. Tanto é assim que quando as funções do corpo param de funcionar o corpo morre. Descartes discorda ainda do pensamento aristotélico que a define como sendo a forma do corpo. Diferentemente de Platão e Aristóteles, Descartes afirma que a alma é somente aquilo que está relacionado ao pensamento.

Observou-se também nesse trabalho que o corpo pode ser definido como sendo tudo aquilo que está relacionado com o calor e com o movimento dos membros. É importante complementar, e ao mesmo tempo esclarecer, que a alma não transmite calor e nem movimento para os membros do corpo. O movimento e o calor que existem no corpo são produzidos pelas funções do próprio corpo como foi visto.

Quando o corpo não possui o movimento, nem o calor, ou seja, quando eles param de funcionar, então o corpo morre. Outra vez é necessário dizer que a morte do corpo nunca sobrevém por culpa da alma, mas por culpa do próprio corpo que se corrompe (degenera). A alma é imortal³⁰ e pode subsistir sem o corpo, é mais nobre do que ele e capaz de gozar uma infinidade de contentamentos que não se encontram nesta vida. Assim, para Descartes, a alma humana não depende do corpo e por isso “não está de modo algum sujeita a morrer com ele [...] somos naturalmente levados a julgar por isso que ela é imortal.” (DESCARTES, 1973 a, p. 70).

Foi visto especificamente no segundo capítulo que Descartes considera que a causa da alma sobre o corpo são as paixões da alma. Essas paixões provocam de alguma maneira efeito no corpo. Vimos que enquanto Platão considerava a alma como sendo divisível e como tendo virtudes, Descartes a considera como sendo una e indivisível e ao invés de virtudes a considera como tendo paixões. A principal função das paixões da alma sobre o corpo é conduzi-lo a uma vida boa e equilibrada segundo Descartes. As paixões que possuem tal função são as seis primitivas: admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza.

A admiração está fundamentalmente relacionada com o conhecimento. Para Descartes essa admiração não pode se dar em excesso. Ela deve ser controlada, pois o excesso da admiração causa o espanto e esse espanto impede de apreender-se o real conhecimento das coisas. O amor é fruto da admiração e possui três ramificações que são: a afeição, a amizade e a devoção. O ódio é fruto da

³⁰ Ao afirmar que a alma é imortal, Descartes é influenciado pelo pensamento de Tomás de Aquino. Pode-se verificar que em várias partes da obra *Suma Contra os Gentios*, Tomás de Aquino trata desse assunto mostrando que independente da morte do corpo, a alma é mais perfeita e não se corrompe. A alma pode existir depois que o corpo morre (AQUINO, 2015, cap. 79).

nocividade de alguns objetos e, ao contrário do amor, não possui ramificações. O desejo é um olhar futuro do amor, é uma espécie de espera confiante do amor que virá, é o desejo de que o maior bem seja o amor. A alegria é uma emoção agradável que resulta do bem que se acredita possuir. Ela conduz a uma vida direcionada para a virtude e para o bem. Por fim, a tristeza é um tipo de inaceitação do mal, pois ele incomoda e entristece, causando dor e insatisfação. É uma espécie de melancolia e saudade do bem. As paixões da alma podem ser consideradas como sendo uma das maneiras de se ter a relação entre corpo e alma. No desenvolvimento deste trabalho, especificamente no II capítulo, foi apresentada e definida detalhadamente cada paixão, bem como as várias subpaixões que decorrem delas.

Na relação corpo e alma, Descartes considera o corpo como sendo algo imperfeito e a alma como sendo algo perfeito. Novamente percebe-se claramente a influência de Platão sobre esse pensamento cartesiano. Sendo assim, como é possível algo imperfeito relacionar-se com algo perfeito? Tem-se apenas uma certeza: que o homem é um ser composto, constituído de duas substâncias distintas: corpo e alma.

Ao tentar estabelecer como se dá a relação corpo e alma, Descartes, assim como Platão, acredita que o corpo seja apenas um executor das intencionalidades da alma. O corpo, como se sabe, é imperfeito e sendo imperfeito pode enganar a alma desvirtuando-a do seu fim último. A principal relação entre corpo e alma mostrada por Descartes se dá como único modo de ligar o humano com o divino. Essa é uma das principais relações do corpo com a alma. Foi visto que para Descartes a alma relaciona-se com o corpo por vontade de Deus, com a função de guiá-lo, conduzindo-o para uma vida boa, equilibrada e em harmonia com todos os seres. Mas explicar como se dá essa relação, segundo o nosso autor, isso é mistério.

A alma também pode-se relacionar com o corpo no local onde ela se faz mais presente no corpo. Esse local é a parte interior do cérebro que é a glândula pineal. A partir dessa glândula, a alma está unida a todo o corpo, de modo que não se pode dizer que ela está em uma parte e não está em outra. Assim sendo, a alma unida ao

corpo, o conduz para viver uma vida boa, equilibrada, em harmonia com todos os seres e desse modo alcançando a felicidade.

Este trabalho apresenta apenas as discussões centrais sobre o problema da relação corpo e alma em Descartes. Ele não tem de modo nenhum a pretensão de abarcar todo o pensamento cartesiano esgotando o tema. Espera-se que essa pesquisa possa conduzir o leitor a continuar sua análise e seu estudo sobre o problema da relação corpo e alma que também pode ser feita relacionada a outras áreas do saber com uma abordagem antropológica, religiosa, psicológica ou epistemológica. É importante dizer que a relação corpo e alma abre várias possibilidades de diálogo e nos ajuda a pensar o problema de modo mais amplo para entender mais nossa própria existência e nosso ser no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALQUIÉ, Ferdinand. “A Metafísica” em **A Filosofia de Descartes**. Trad. M. Rodrigues Martins. 2º ed. Brasília: Presença, 1969.

_____. **La Découverte Métaphysique de L’Homme chez Descartes**. Paris: PUF, 1950.

ARISTÓTELES. “A Virtude Ética” (Seção I) em **A Ética**. 4º ed. Trad. Cássio Fonseca. São Paulo: Atena, 1959. Pp. 55-61.

_____. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

BEYSSADE, Michele. **Descartes**. Tradutora. Fernanda Figueira. São Paulo: Edições 70, 1972.

_____. “União da Alma e do Corpo” em **Descartes**. Trad. Fernanda Figueira. São Paulo: Edições 70, 1972. Pp. 104-107.

BONIN, Joel. “A Moral de Descartes” em: http://www.cdr.unc.br/pg/layoutnovo/edicoes/numerosdezessete/a_moral_de_rene_descartes1.pdf. Acessado em 17/04/2018.

COTTINGHAM, John. **Descartes: a Filosofia da mente de Descartes**. Trad. Jesus de Paula Assis. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **A Filosofia de Descartes**. Tradução de Maria do Rosário Sousa Guedes. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. **Dicionário Descartes**. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

C. Adam, P. Tannery (Ed.). **Oeuvres de Descartes**. Ed. Ver. Paris: Vrin, CNRS, 1964-1976. 12 v.

D'ABREU, R. C. F.. Breve análise acerca do mecanicismo e finalismo no corpo humano, nas filosofias de Descartes, Espinosa e Leibniz. **Revista Múltipla** (UPIS), v. 15, p. 55-68, 2003.

D'ARCY, Pascale. Introduction. In: DESCARTES. **Les Passions de l'Âme**. Introduction, notes, bibliographie et chronologie par Pascale D'Arcy. Paris: Flammarion, 1996, p. 5-60.

DESCARTES. **Cartas A Elisabeth** (28 de junho de 1643). Coleção os Pensadores. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973 d.

_____. **Lettres sur la Morale** – correspondance avec la Princesse Élisabeth, Chanut et la Reine Christine. Texte revu et présenté par Jacques Chevalier. Paris: Hatier-Boivin, 1955.

_____. **Cartas A Mersenne**, I, Amsterdam, 15 de abril de 1630.

_____. **As Paixões da Alma**. Coleção os Pensadores. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 4º ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987 b.

_____. **Discurso do Método**. Coleção os Pensadores. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973 a.

_____. **Meditações Metafísicas**. Coleção os Pensadores. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973 b.

_____. **Objeções e Respostas**. Coleção os Pensadores Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973 c.

_____. **Regras para a direção do espírito**. Tradução de João Gama. Coleção Textos Filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1989.

FERNANDEZ, Doris. "A Divisão Cartesiana ente o Corpo, a Máquina e a Alma e seu efeito sobre o Pensamento Ocidental". **CienteFico**. Ano III. V. II, Salvador, julho-dezembro 2003 em <http://www.frb.br/CienteFico%202003.2/PSI/Episteme/Descartes/As%20Paix%F5es%20da%20Alma/A%20Divis%E3%20Cartesiana%20Ocidental>. Pdf. Acessado em 03/10/2018

FORLIN, Enéias. **A Teoria Cartesiana da Verdade**. São Paulo: Unijuí/Fapesp, 2005.

_____. **A concepção cartesiana de sujeito: a alma e o animal racional**. *Revista Educação e Filosofia*, Vol. 25 – Número Especial, 2011.

GILSON, Etienne. **Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien**. Paris: Vrin. 1984.

GUENANCIA, Pierre. **Descartes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

GUÉROULT, Martial. **Descartes Selon L'Orde des Raisons**. Paris: Aubier, (1953). 2v

KOYRÉ, Alexandre. **Entretiens sur Descartes**. Paris: Gallimard, 1963.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARQUES, Jordino. **Descartes e sua Concepção de Homem**. São Paulo: Loyola, 1993.

Marques, J. de A. dos S. (2000). A correspondência com a Princesa Elisabeth e a fundamentação da moral cartesiana. **Discurso**, (31), 383-398.

NASCIMENTO, C. A. R. **Algumas Rápidas Anotações sobre as Paixões segundo Santo Tomás de Aquino.** In: Arthur Hyppólito de Moura. (Org.). AS PULSÕES. 1ed. SAO PAULO: ESCUTA / EDUC, 1995, v. 1, p. 139-145.

QUINTAS, Guillermo. **Tratado Del Hombre.** Tradutor. Guillermo Quintas. Madrid: Nacional, 1980. ISBN 84-276-0526-9.

PINTO, Júlia Paula Motta de Souza; JESUS, Adilson Nascimento de. “A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental”, **Motriz** Jul/Dez 2000 Vol. 6, n.2. Pp.89-96 em <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/06n2/Pinto.pdf>. Acessado em 28/09/2018.

PLATÃO. “Livro Terceiro” em **A República**. 7º ed. Tradutor. Albertino Pinheiro. São Paulo: Atena, 1959 a. Pp. 7-55.

_____. “Livro Quarto” em **A República**. 7º ed. Tradutor. Albertino Pinheiro. São Paulo: Atena, 1959 b. Pp. 145-187.

_____. “Livro Nono” em **A República**. 7º ed. Tradutor. Albertino Pinheiro. São Paulo: Atena, 1959 c. Pp. 371-407.

_____. “Livro Décimo” em **A República**. 7º ed. Tradutor. Albertino Pinheiro. São Paulo: Atena, 1959 d. Pp. 409-450.

_____. Diálogos: O banquete – Fédon – Sofista – Político. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 2ª ed. São Paulo: Abril cultural, 1983. (Os pensadores).

REALE, Giovanni; ANTISSEI, Dario. “Descartes: ‘O Fundador da Filosofia Moderna’” em **História da Filosofia**. Vol. II. São Paulo: Paulinas, 1990. Pp. 350-390.

RENAULT, Laurence. Nature humaine et passions selon Thomas d’ Aquin et Descartes. In: BESNIER, Bernard; MOREAU, Pierre-François, RENAULT, Laurence

(Orgs.). **Les Passions Antiques et Médiévales** – Théories et Critiques des Passions. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. v. I. p. 249-267.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Descartes: A Metafísica da Modernidade**. 2º ed. São Paulo: Moderna, 1993.

TEIXEIRA, Lívio. **Ensaio Sobre a Moral de Descartes**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

TOMÁS DE AQUINO. **A Unidade do Intelecto Contra os Averroistas**. Edição bilíngue. Tradução de M. S. de Carvalho. Lisboa. Edições 70, 1999.

_____. **Questões disputadas sobre a Alma**. Tradução de Luiz Astorga. São Paulo: Editora É Realizações, 2014.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Tradução Maurílio José de Oliveira Camello. São Paulo: Edição Loyola, 2015.

VARES, Sidinei Ferreira de; POLLI, José Renato. “O Dualismo e a Concepção de Homem em René Descartes”. **Análise**. Ano VI n.11 fevereiro de 2005. Pp. 51-9 em <http://www.anchieta.br/unianchieta/revistas/analise/pdf/analise11.pdf>. Acessado em 03/08/2018.